



Tracy Sahib,  
Servo de Cristo na Índia

Por  
Olive G. Tracy

Editado por  
R. Franklin Cook



A história de Leighton Tracy, missionário pioneiro na Índia, contada pela sua filha Olive Tracy. Tracy Sahib, Um Servo de Cristo na Índia, um testemunho da fidelidade de Deus aos que são chamados para ir aos confins da terra. Franklin Cook cresceu na Índia e compartilha as suas ideias sobre o subcontinente, suas culturas e pessoas.

Observe o contexto desafiador em que Tracy entrou e descubra o que se alcançou naqueles anos desde que este livro foi publicado pela primeira vez em 1954.



MISSÕES  
NAZARENAS  
INTERNACIONAIS

ISBN 978-1-56344-917-8



90000



9 781563 449178

Tracy Sahib,  
Servo de Cristo na  
Índia

Por  
Olive G. Tracy

Editado por  
R. Franklin Cook

**2019-20 MNI**  
**RECURSOS DE EDUCAÇÃO PARA MISSÕES**

---

---

**LIVROS**

**TRACY SAHIB,**  
**SERVO DE CRISTO NA ÍNDIA**  
*por Olive G. Tracy*  
*Editado por R. Franklin Cook*

**SHIRO KANO**  
**Fidelidade a Qualquer Preço**  
*por Alice Spangenberg*  
*Editado por Merritt Nielson*

**O QUE COMIENZA AQUI**  
**TRANSFORMA O MUNDO**  
*por Debbie Salter Goodwin*

Tracy Sahib,  
Servo de Cristo na  
Índia

Por  
Olive G. Tracy

Editado por  
R. Franklin Cook



**MISSÕES NAZARENAS  
INTERNACIONAIS**

Copyright © 2019  
Nazarene Publishing House

Primeira Edição: 1954

Segunda Edição: 1990, revista e adaptada por Helen Temple

Terceira Edição: 2018, revista e actualizada por R. Franklin Cook

ISBN 978-1-56344-917-8

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação deve ser reproduzida, armazenada ou transmitida de alguma forma ou por quaisquer meios, eletrónico, fotocópia, gravação, etc, sem a autorização prévia, por escrito, do autor. Exceptuam-se as breves citações em avaliações ou comentários impressos.

Capa: Darryl Bennett

Foto da capa: Nazarene Archives

Paginação: Darryl Bennett

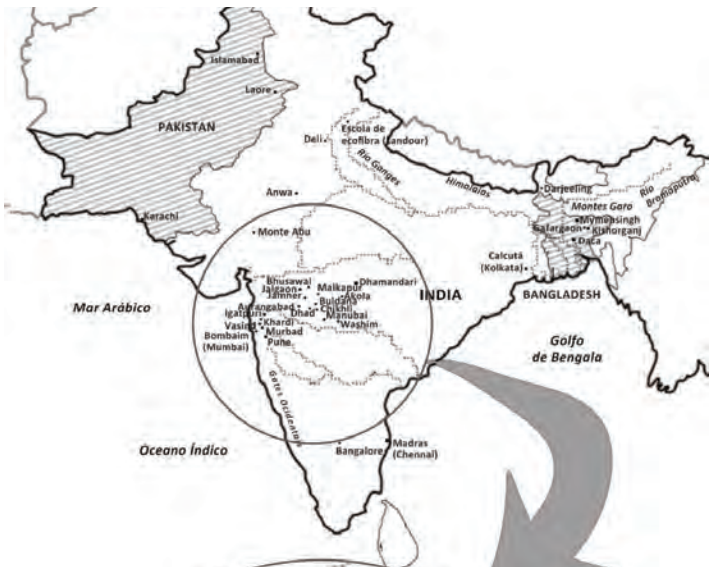
# Índice

Nota Introdutória do Editor	6
Prelúdio: Um Subcontinente Esplêndido	9
A Introdução de Olive	15
Capítulo 1	
Vai, Pois, Agora	17
Capítulo 2	
Porém Eu e a Minha Casa Serviremos ao Senhor	23
Capítulo 3	
E Serás Como Um Jardim Regado	29
Capítulo 4	
Não Fostes Vós Que Me Enviastes Para Cá, Senão Deus	37
Capítulo 5	
Na Aradura e Na Sega Descansarás	47
Capítulo 6	
Eis Aqui Esta Terra, Eu a Dei Diante de Vós	57
Capítulo 7	
Para Que Semeeis a Terra	65
Capítulo 8	
Mas Estava No Meu Coração Como Fogo Ardente	79
Capítulo 9	
Os Meus Olhos Procurarão Os Fiéis da Terra	93
Capítulo 10	
Voz de Júbilo e de Salvação	107
Epílogo: Um Esplêndido Sacrifício	115
Uma Igreja Em Crescimento	121
Passar à Acção	125

# Nota Introdutria do Editor:

Dr. R. Franklin Cook fez um trabalho excepcional em actualizar o livro *Tracy Sahib da Índia*<sup>1</sup> para os dias de hoje. Os avós de Cook, o Rev. Frank e Ruby Blackman, chegaram ao sector nordeste do subcontinente indiano, desenvolvendo o seu trabalho missionário inicialmente em Kishorganj e agora no Bangladesh. Frank Blackman morreu de varíola, que contraiu ao servir a ceia a um marinheiro em Calcutá, em 1925. A filha de Blackman, Orpha, regressou aos Estados Unidos e acabou por casar com Ralph Cook. Em 1935 voltaram à Índia, tendo desenvolvido o seu trabalho em Buldana, Maharashtra, e trazendo Franklin, então com apenas dez meses de idade. Franklin Cook cresceu na Índia e, embora tenha regressado aos EUA com 16 anos, a Índia permaneceu uma forte influência na sua vida. Em 1989, Cook foi nomeado director regional da Eurásia, região que, curiosamente, incluía o subcontinente indiano. A sua perspectiva histórica, aguçada percepção e amor pela Índia, ajudaram a igreja a crescer e amadurecer. Ninguém é mais qualificado para rever este livro do que ele.







# Prelúdio: Um Subcontinente Esplêndido

“Oh, o Ocidente é o Ocidente e o Oriente é o Oriente  
e nunca os dois se irão encontrar,

Até que a Terra e o Céu ao trono se apresentem

Para que Deus os vá julgar.”

Rudyard Kipling

John Kenneth Galbraith, estimado ex-embaixador dos EUA na Índia, descrevia a Índia como uma “anarquia funcional”.

Seria difícil encontrar uma descrição mais adequada. Alguém que a visite pela primeira vez ficará impressionado com o caos absoluto que impera. Não há uma ordem, um sistema, um padrão. Cada caminhão, carro, triciclo motorizado circula como entende, “furando” o seu próprio caminho pelo trânsito. Nas estradas circulam veículos automóveis e animais. Nas bermas há bancas de comércio - a Índia é conhecida pelos milhões de comerciantes empreendedores. Há sinais e placas por toda a parte nos mais variados idiomas, incluindo o inglês indiano (exclusivo da Índia). Ao longe ouve-se a chamada à oração dos muçulmanos e os sinos do templo hindu. E as buzinas; aí as buzinas; os motoristas sentem-se na obrigação de buzinar constantemente. É anarquia.

Mas funciona. Eu costumava dizer aos visitantes, aterrorizados no banco de trás do carro, que relaxassem. “Há mesmo um sistema,

e funciona.” E realmente funciona. Um dos milagres da Índia é ser uma nação composta por uma variedade quase incalculável de pessoas e mesmo assim funcionar. É uma “anarquia funcional”.

Rudyard Kipling talvez tenha sido o escritor mais conhecido da sua geração, no final do século XIX e início do século XX. O seu pai trabalhou na Índia como funcionário público durante quase 30 anos e Rudyard passou lá os primeiros 6 anos da sua vida, durante o auge do domínio colonial da Grã-Bretanha. Já adulto, Rudyard passou mais 6 anos a viver e a trabalhar na Índia. O impacto da cultura foi tão profundo na sua vida que afectou toda a sua escrita posterior. Escreveu *bestsellers* de excelência como *Kim* e *O Livro da Selva*. Por estas e muitas outras obras, Kipling recebeu o prémio Nobel da Literatura em 1907.

Uma observação memorável de Rudyard Kipling: “a primeira condição para entender um país estrangeiro é cheirá-lo”. Por mais tolo que possa parecer, é verdade. E a Índia oferece a qualquer visitante uma variedade asfixiante de cheiros. A poeira, o caril e as especiarias, a fragrância de Ganges Primrose, Lotus, Jasmim, Hibiscus e os exóticos Frangipanis. Até mesmo o odor corporal na Índia tem uma pungência singular. Não há outro lugar na terra que apresente a variedade de cheiros que encontramos na Índia.

É interessante notar que a vida de Rudyard Kipling é contemporânea da da figura principal deste livro, L. S. Tracy. Logo, as observações feitas por Kipling sobre a Índia foram exactamente as mesmas sobre as quais Tracy reflectiu quando se aventurou pelo país em 1903.

Eu costumava lembrar os visitantes de que qualquer ideia pré-concebida que tivessem sobre a Índia estaria provavelmente errada. Muitos esperavam encontrar uma pobreza universal. Mas a Índia tem

uma riqueza incrível. Outros esperavam encontrar muita poeira e terrenos desérticos. Mas a Índia tem as montanhas mais impressionantes e mais altas do mundo. E exuberantes campos tropicais de arroz e coco. Muitos esperavam encontrar carros de boi e búfalos, mas a Índia tem algumas das mais incríveis indústrias de alta tecnologia do mundo. Alguns pensavam que só iam encontrar caril picante, mas a Índia tem centenas, talvez milhares, de variedades de alimentos com especialidades regionais. Os cardápios geralmente dividem os pratos de acordo com a culinária do Sul ou do Norte da Índia. Sim, quase todas as ideias pré-concebidas acabam por estar erradas de uma ou de outra forma.

A Índia é uma terra de estatísticas absurdamente elevadas. Numa massa de terra com um terço do tamanho dos Estados Unidos, na proporção de cerca de 500 pessoas por quilómetro quadrado, os indianos são atualmente quase 1,4 bilhões de pessoas, o que corresponde a 18% da população mundial. E se pensarmos na Índia “pré-partição”<sup>2</sup> (incluindo o Paquistão e o Bangladesh), o número total da população aumenta para aproximadamente 1,8 bilhões de pessoas. A projecção de crescimento populacional para a Índia é de que ultrapassará a actual população da China até 2050<sup>3</sup>.

Podemos citar outras estatísticas sobre a Índia e todas serão de enormes proporções. Seja o volume de lixo produzido ou a diáspora indiana em todo o mundo. Considerando que a idade mediana é de 27 anos e que os novos consumidores urbanos, mão de obra qualificada, que formam a classe média actual, são cerca de 400 milhões, a Índia é uma potência mundial em crescimento a ser levada a sério.

A Índia tem ainda o maior número de grupos étnicos no mundo. Tem 18 línguas reconhecidas (sem incluir o inglês, que é de facto a *lingua franca*<sup>4</sup> do país), além de centenas de dialectos. No panorama

político há uma variedade de partidos e ideologias, desde o nacionalismo hindu ao secularismo da constituição.

É, também, o paraíso dos fotógrafos. A beleza das suas crianças, o brilho nos seus olhos; a deslumbrante cor dos *saris*; a singularidade e fluidez dos *dhoti*, usados por muitos camponeses; as calças de ganga de marca, usadas pelos jovens urbanos; as jóias, num dos países mais ricos do mundo em prata e ouro; os conhecidos filmes de Bollywood, dando-lhe o recorde do maior número de filmes produzidos por um país; as centenas de canais de televisão; a produção prolífica de poesia e música; a complexidade dos meios de comunicação nacionais numa nação de tantas línguas. Tudo isto é o Esplendor do Subcontinente.

A Índia, foi o mundo em que Leighton Tracy entrou em 1903; jovem missionário e ainda solteiro. O clamor do Evangelho levou muitos jovens a dedicar as suas vidas à China, à África e à Índia (os principais “alvos” dos missionários no século XIX). Eles trouxeram consigo paixão, tenacidade e sacrifício. Deram as suas vidas, enfrentaram oposição, dificuldades, privações e uma falta de recursos deplorável.

Em 1954, Olive Tracy, filha de L. S. Tracy, foi convidada a escrever as suas memórias do seu pai. Teve como ponto de partida para o livro as lembranças da sua mãe Gertrude, coloridas pelo tempo e pela experiência. A própria Olive tinha talhado para si uma carreira relevante na CBS (Columbia Broadcasting System) e usou as suas capacidades no texto que vamos ler. O amor pelo seu pai é óbvio. Optámos por manter o texto, em grande parte, como originalmente escrito. Algumas frases são antiquadas e embelezadas - são produto do seu próprio tempo e contexto.

Mas a mensagem é clara. O que quer que seja a vida missionária hoje, ou a igreja, é construída no sangue dos mártires e na filosofia



destes indomáveis pioneiros. A Índia onde Tracy entrou em 1903 (com uma carreira de 30 anos pela frente) estava no auge da era colonial, quando ainda era considerada a “a Jóia da Coroa do Império”. O próprio título do monarca britânico era o seu nome seguido de: “pela Graça de Deus, da Grã-Bretanha, Irlanda e dos Domínios Britânicos além Mar, Rei, Defensor da Fé, Imperador da Índia”. Assim, Tracy entrou na Índia como parte do Império Britânico e isso pode ser observado em várias referências no texto.

As denominações protestantes na Índia criaram um sistema chamado *comity* (cortesia), pelo qual áreas geográficas distintas eram designadas a cada grupo. Assim, as três áreas em que a Igreja do Nazareno trabalhou (Este, Centro e Oeste) foram designadas sob este sistema. O objectivo, claro, era reduzir a confusão e a competição, mas o resultado eram misturas tão estranhas quanto indianos pertencentes à igreja da Escócia, ou à igreja luterana, ou aos metodistas, de acordo com a geografia, e não com a teologia ou a sua própria escolha. Se fosse cristão, era isto ou aquilo.

Os tempos eram diferentes, mas a causa era a mesma. Isto é, trazer a paz e a mensagem de Jesus àqueles que estavam a viver em trevas espirituais numa das nações mais religiosas do planeta. E estabelecer a igreja indígena para que continuasse a tarefa de evangelismo. Estes missionários pioneiros deram o seu melhor com o conhecimento, contexto e recursos à sua disposição.

Leia com compreensão e compaixão e permita que os seus olhos sejam abertos pela vida e pelo trabalho de Tracy, servo de Cristo na Índia.

—R. FRANKLIN COOK



# A Introdução de Olive

“Eu não sei bem como fazer isto”, disse eu à minha mãe enquanto conversávamos sobre a tarefa em mãos. “A comissão pediu um relato da vida e do trabalho do pai na Índia. Mas há tantos outros além dele - todos os missionários da sua época e, mais tarde, a igreja indiana, os associados de outras missões. E a família - a mãe, a avó e a Martha e o Phil, e suponho que também eu esteja incluída. É como a grande figueira-de-bengala que cresce em Buldana e se espalha sobre o Stone Hall. A árvore representa a Índia, o campo missionário e o trabalho que foi feito. Todos os que participaram no trabalho são os troncos e as raízes aéreas que descem e se expandem cada vez mais. Como é que vou relatar tudo isso?”

“Acho que não vais conseguir incluir tudo”, disse a minha mãe. “O melhor que podes fazer é contar apenas sobre o nosso pequeno tronco da grande árvore.”

E então aqui está - apenas a nossa pequena parte deste grande trabalho, com o pai (Tracy Sahib, como lhe chamavam os indianos) dominando e dirigindo esta pequena parte na grande terra que é a Índia.

—OLIVE TRACY



Rev. Leighton S. Tracy



(Da esquerda para a direita) Dr. Williams, Dr. Goodwin,  
Leighton Tracy, Gertrude P. Tracy



A Família Tracy

# Capítulo 1

## Vai, Pois, Agora

### Êxodo 4:12

Moisés e o meu pai tinham o mesmo espírito. No momento em que o meu pai começou a apresentar os argumentos de Moisés ao Senhor e o Senhor a responder-lhe como respondera a Moisés, formou-se um vínculo que os unia.

“Quem sou eu, que vá (...)?” Argumentou o meu pai citando Êxodo 3:11. O Senhor não consideraria os seus vários argumentos. Antes guiou os seus olhos pela página até ao versículo seguinte. “Certamente eu serei contigo”, gritou-lhe da página.

“Mas... mas...” gaguejou o meu pai, saltando para o capítulo 4 à procura de outra muleta. “Eu não sou homem eloquente... sou pesado de boca e pesado de língua” (v. 10).

Pronto, isto seria suficiente. E era verdade. Ele tinha um pequeno impedimento no seu discurso, uma hesitação distinta.

Mas a chamada permaneceu. E Deus acrescentou: “Irás proclamar o meu Evangelho noutra língua que não no teu bom inglês canadiano”.

Eu ouvi o meu pai contar esta história muitas vezes. Não só a sua língua conseguia compreender as complexidades de outra língua,

permitindo-lhe falar fluentemente marathi e entender bengali, hindustani e um pouco de sânscrito, mas ele identificava-se de tal forma com os indianos que pensava e sentia como eles.

Certa manhã de Domingo, aos 10 anos de idade, o meu pai encontrou Deus numa pequena igreja baptista reformada em Hartland, New Brunswick. Aos 16, sentiu pela primeira vez o seu coração ser limpo numa reunião ao ar-livre.

---

**Moisés e o meu  
pai tinham o  
mesmo espírito.  
Havia um laço que  
os unia...**

O trabalho era escasso naqueles anos. O meu pai aceitou o convite de um homem cristão para ir trabalhar para Haverhill, Massachusetts, EUA.

Junto ao rio Merrimack, no Grandview Park, a uma curta distância de eléctrico de Haverhill, estavam a organizar uma nova reunião ao ar-livre. Ele ajudou a montar o dormitório, o refeitório e o tabernáculo. Participou várias vezes nos cultos.

Em agosto de 1901, o meu pai escreveu à sua mãe:

“Querida mãe, participei nos ajuntamentos nos últimos três dias. Desde que aqui estou, o Senhor mudou minha vida, destruiu todos os meus planos e deu-me novos.

Num dos dias a Sra. H. F. Reynolds falou sobre a escola em Saratoga Springs, N.Y., e eu senti um desejo profundo de ir para lá. Eu disse ao Senhor que se Ele quisesse que eu pregasse e arranjasse maneira de eu obter a educação necessária, que tornasse tudo tão claro e simples de forma a que eu não me enganasse. O presidente da escola veio ao ajuntamento no Sábado. O Senhor disse-me: ‘Vai para esta escola’.

Mas eu disse: ‘Senhor, eu não tenho dinheiro’.

E Ele perguntou-me: ‘Se Eu te abrir o caminho, tu vais?’



Eu disse: ‘Sim, Senhor, se Tu abrires o caminho e fores comigo, e tudo for tão claro que eu não posso estar enganado, eu irei’.

Depois do culto, pedi a algumas pessoas que ficassem comigo a orar. Eu estava tão quebrado que não conseguia falar. O Espírito Santo estava lá em grande poder. Depois de um tempo acalmei-me e contei tudo a Deus.

Enquanto estava a orar, as pessoas à minha volta começaram a juntar dinheiro para os meus estudos. Quando terminei, já tinham juntado 110\$US; no mesmo momento recebi o claro testemunho de que Deus queria que eu fosse. Glória a Deus!

Um ano de estudos custaria 125\$US, incluindo alimentação, lavanderia, propinas, quarto com alcatifa, combustível, luz, uso da biblioteca, sala de leitura e assim por diante. Portanto, faltam-me 15\$US. Mas não inclui a viagem, livros, à volta de 7\$US, ou roupa. Terei de levar as minhas toalhas, guardanapos, vassoura, pá, colcha, cobertor, três lençóis, duas fronhas, um garfo e uma faca, uma colher de sobremesa e uma de sopa, caso fique doente.

Talvez pense que estou a ser precipitado em ir, mas não sou eu, é Deus. Eu não escolhi a chamada, mas Ele chamou-me e eu não me *atrevo* a desobedecer.

Parto para Saratoga Springs na próxima quarta-feira, 10 de Setembro, e acredito em Deus para providenciar o dinheiro que falta. Não lhe vou perguntar se posso ir. Deus chamou-me sem qualquer dúvida e eu não tenho o direito de lhe pedir autorização (digo-o com toda a reverência por si), mas peço-lhe, e à comunidade, que me ajudem em oração e apoio financeiro, se puderem.”

Naquele primeiro ano, o meu pai escreveu à minha avó sobre as suas expectativas e aspirações, sobre a privação dos estudantes, os quartos frios, as papas de aveia ao pequeno almoço e sobre os jantares

inevitáveis de bife com batatas e pudim. Ele considerou ter aulas de piano; seria um custo acrescido de 25 centavos por lição. A minha mãe conta-me que ainda teve algumas, mas que nunca aprendeu grande coisa; não era o seu forte. E ela sabia-o - era a sua professora.

O meu pai contou à minha avó que as suas calças castanhas estavam a levar remendos regulares; que a madre Perry, com os seus dedos ágeis e experientes, e seda castanha, tinha conseguido fazer uma obra de arte do seu colete e que ninguém percebia como é que as calças duravam tanto. A Madre Perry era reitora, enfermeira, conselheira, empregada doméstica e “mãe” de todos os jovens solitários que estavam longe de casa.

Aquele primeiro ano passado no instituto foi difícil. O meu pai trabalhava lá durante o Verão, quando os hóspedes sazonais ocupavam o espaço. Trabalhou longas horas; um dia encontraram-no na capela junto à sua cama, de joelhos como se estivesse a orar, mas a dormir profundamente.

Certo dia, durante o inverno, ele estava na sala da caldeira a alimentar o forno de aquecimento. Estava a orar sozinho, a renovar a sua consagração e a entregar o seu futuro nas mãos de Deus. E em troca, recebeu uma benção impressionante. Viu a sua vida estendida à sua frente, brilhando cheia de promessas.

E depois, num culto particularmente comovente, outro encontro especial com Deus!

Numa carta à sua mãe datada de 15 de Janeiro de 1902, ele escreveu: “Tenho algo para lhe contar que a vai surpreender. Na sexta-feira passada na capela, Deus deu-me uma chamada clara e definitiva para a Índia<sup>5</sup>. Eu caí de joelhos tentando perceber se era a voz de Deus, e veio tão claramente que o diabo não a pode arrancar de mim. Senti o poder do Espírito Santo como nunca sentira. Deus quer que esteja

completamente preparado, por isso, vou ficar aqui sete anos, segundo a minha previsão, e depois vou entregar a minha vida ao campo missionário.”

A *chamada*! Não houve qualquer coerção, suborno abrilhantado ou uma atração romântica para os trópicos. Esboçado na névoa do futuro estava apenas uma coisa - a única coisa que se manteve, sozinha, contra a escuridão dos dias que viriam - a *chamada*, clara, brilhantemente gravada e envolta nas promessas: “Vai, pois, agora, e eu serei com a tua boca e te ensinarei o que hás de falar” (Êxodo 4:12), e “Certamente eu serei contigo” (3:12).



# Capítulo 2

## Porém Eu e a Minha Casa Serviremos ao Senhor

Josué 24:15

Pode bem ter sido o plano original de Deus que Leighton Tracy permanecesse na escola durante os sete anos como preparação para o seu trabalho missionário. Mas a escola não durou tanto tempo; houve rupturas na liderança. Alguns quiseram tornar-se independentes; outros desejavam permanecer na junta pentecostal<sup>6</sup>. Aqueles que escolheram permanecer na junta deixaram Saratoga Springs e mudaram-se para o norte de Scituate, Rhode Island, autoproclamando-se Pentecostal Collegiate Institute. Com este grupo foi a minha avó, a madre Ella Winslow Perry, e os seus filhos, Ernest e Gertrude, ambos professores. Juntamente com outros, prepararam os edifícios durante o Verão e o Outono de 1902. Munidos de baldes, esfregões, papel de parede, pincéis e tinta, poliram as velhas sala da escola que adquiriram por estar abandonada, arranjaram as lareiras, organizaram as salas, cozinham as primeiras refeições e abriram as portas aos poucos estudantes que se inscreveram.

O jovem Leighton Tracy não era um deles. Profundamente triste e indignado com o que acontecera, pegou na sua corneta de latão e

juntou-se a um grupo chamado bandas pentecostais. Viajaram durante alguns meses organizando encontros evangelísticos. Mas a necessidade de preparação para o ministério voltou a sentir-se e, no Inverno de 1904, Tracy foi para North Scituate para renovar os seus estudos.

Na mesma altura, Martyn D. Wood e a esposa, Anna, visitaram o campus do instituto. Tinham vindo da Índia em busca de apoio financeiro e pessoal para ajudar no trabalho ministerial. Foram para a Índia 11 anos antes, com o apoio da Aliança Cristã e Missionária, mudaram a sua afiliação duas ou três vezes e estavam agora sob a recente Associação de Igrejas Pentecostais da América, dirigida por H. F. Reynolds.

Wood tinha uma pequena missão, primeiro em Igatpuri, perto de Bombaim<sup>7</sup>, e depois em Buldana, na província de Berar, na Índia central. Nos seus quatro quilómetros quadrados havia um orfanato para as vítimas da fome de 1897 e três *bungalows*; a construção de um hospital era um desejo para breve. Precisavam muito de ajudantes.

Era um desafio! Do instituto, quatro pessoas sentiram o desejo de se juntarem aos que Wood já tinha recrutado: Leighton Tracy, um estudante; Julia Gibson, graduada de Saratoga Springs; Gertrude Perry, professora de inglês; e a madre Perry, deão das mulheres, governanta e enfermeira.

Ernest Perry, o irmão de Gertrude, havia perdido a vida num acidente de canoagem em 1902. A quantia que receberam do seguro foi a necessária para que a madre Perry e Gertrude se juntassem ao grupo que ia para a Índia. A madre Perry pagou ambas as viagens e depositou 200\$US junto da associação para garantir o regresso a casa se a sua saúde falhasse nos dois anos seguintes.

Dois meses antes da data marcada para a partida, chegaram notícias da Índia de que as coisas não estavam a correr bem.



À medida que se afastavam do cais North German Lloyd em Nova York, a 2 de Julho de 1904, os futuros missionários concordaram que estava um dia lindo. Tinham se despedido da igreja Utica Avenue Pentecostal Church em Brooklyn na noite anterior. E estavam agora junto ao corrimão do navio, acenando aos seus familiares e amigos que os viam partir do fim do pontão. O meu pai pegou na sua corneta e levou-a aos lábios. Por toda a extensão da água, que se alargava a cada segundo, ele tocou o tema da sua vida, *Where Jesus Is, Tis Heaven There* (Onde está Jesus, Ali é o céu).

Os missionários observaram a cidade que representava a sua casa uma vez mais, derramaram algumas lágrimas ao passarem pela Estátua da Liberdade, limparam os olhos, foram até à proa e observaram o estreito que os levaria ao mar. Não se via uma onda no mar. Observaram a água mudar de verde para azul-esverdeado ao afastarem-se da terra, depois de azul para púrpura e, finalmente, para o preto-púrpura das profundezas, manchadas e marmoreadas de branco pela passagem do navio.

Em Génova, Itália, o grupo foi transferido para o navio *Balduino*. Uma pilha de malas, sete mulheres e três crianças para tomar conta e apenas dois homens para fazer o trabalho pesado. Foi uma aventura incrível, disseram os três mais jovens - Julia Gibson, Gertrude Perry e Leighton Tracy. Ficaram acordados até tarde a ver o nascer da lua sob o mediterrâneo, inventaram poemas engraçados sobre a lua e sobre eles próprios, riram e estavam felizes.

Tinham feito compras em Génova, andaram pelas ruínas de Pompeia e compraram os seus capacetes de cortiça<sup>8</sup> em Aden.

Seria de esperar terem apanhado as monções com toda a força no oceano Índico, mas apenas chuveou. Apenas um terço da chuva necessária para alimentar a Índia iria cair naquela estação. Os

novos missionários não perceberam bem o que isto significaria até mais tarde.

Era 5 de Agosto de 1904 e estavam na Índia. Tudo era envolto de uma beleza única. À sua frente estava a ilha, Bombaim, e o navio soltou as âncoras ainda no canal porque a maré estava baixa. Do cais vieram alguns barcos; M. D. Wood a bordo de um deles. Todos eles flutuavam na sua pequena casca. Havia montanhas de bagagem para separar. Eles contaram e verificaram e perceberam que faltava uma das malas de Perry. Passaram quatro meses até que as Perry pudessem usar os seus sapatos novos.

Depois de dois dias de compras, embarcaram no comboio nocturno que os levaria ao seu destino final. Lá conseguiram encontrar cinco bancos livres para as sete mulheres e três crianças. Os habitantes anteriores entravam e saíam livremente.

Durante toda a noite rebolaram e oscilaram pelas íngremes montanhas dos Gates Ocidentais. Aos tombos, apertados e a deslizarem dos assentos, lá dormitaram durante a noite. De vez em quando ouvia-se o guincho dos freios numa paragem repentina que os projectava para a frente. Pelas ripas da janela os missionários viram os *coolies*<sup>9</sup> apressarem-se para chegar à plataforma e os amigos do casal Wood que estavam ali para lhes dar as boas vindas. Seguiram-se algumas apresentações e uma conversa animada com novidades de um lado e do outro e passaram-lhes rapidamente o almoço que tinham preparado para os viajantes - sandes, ovos cozidos, mangas maduras. Sentiu-se um abanão, o ranger das rodas a andar, e os grupos despediram-se à pressa enquanto o comboio avançava e as vozes iam desvanecendo na distância.

Às seis da manhã trocaram de comboio em Bhusawal e, duas horas depois, chegaram à pequena plataforma em Malkapur, a estação

da missão de Buldana. Os almoços que lhes entregaram na paragem anterior foram o pequeno-almoço desse dia. À espera do grupo estavam Tongas e carroças. A Tonga é um veículo de duas rodas, puxado por um par de póneis ou de bois. Tem uma boa cobertura contra o calor do sol e, embora não seja luxuosa, é almofadada. Cada tonga transporta até 4 pessoas: duas viradas para a frente e duas viradas para trás.

As tongas postais<sup>10</sup> eram as mais rápidas porque trocavam de póneis a cada 10 ou 15Km. A família Wood partiu na tonga postal, enquanto que os restantes membros do grupo se dividiram entre a segunda tonga e a carroça. Os três mais jovens seguiram na carroça.

As carroças da Índia são uma maravilha. Pouco se desenvolveram desde o início da história da humanidade quando se inventou o disco redondo que rola no chão, ao qual chamamos roda. Juntando duas unidas por um eixo, acrescentando uma plataforma com um pequeno gradeamento, um assento frontal para o condutor e dois bois à frente, e a carga deste grande subcontinente lá vai a trote pelas suas estradas. Apesar dos aviões, do caminho de ferro, das estradas e auto-estradas alcatroadas, dos autocarros e dos carros, as carroças de bois permanecem<sup>11</sup>, sempre fiáveis e disponíveis para quem tenha tempo.

E estes jovens tinham tempo. Deixaram Malkapur por volta das nove da manhã e chegaram a Buldana por volta das 6 da tarde. E naqueles 45Km aprenderam um pouco sobre a Índia e muito sobre carroças puxadas a bois.

A carroça não tinha assentos. Apenas duas finas almofadas de algodão e um coxim com algumas molas enfraquecidas. Sempre que o carroceiro coagia os bois a uma corrida repentina, as raparigas gritavam e saltavam, tentando manter os chapéus no sítio. Os ganchos de

cabelo espalhavam-se por entre a bagagem e iam caindo na estrada. E o carroceiro olhava para trás a sorrir.

Os jovens observaram a beleza das árvores e das flores e das sebes, dos campos de algodão e dos campos de grão, e da selva verdejante. Perceberam que, espalhadas um pouco por toda a parte, estavam pequenas cabanas de lama e templos e ídolos e pessoas. Também febre e cólera e peste e lepra e males de todo o tipo. Os seus jovens corações sentiam uma chama ardente de amor pelo Mestre e à medida que iam avançando, oravam por estas pessoas.

E cantavam, crendo em cada palavra:

*Adiante no caminho vejo a luz crescente;*

*Conto os feitos um a um:*

*Jesus nunca me abandonará,*

*Adiante, o melhor está por vir.*

A carroça cruzou o rio Vishwaganga e começou a subida de 670m para o grande planalto que é a Índia central e onde, na extremidade mais a norte, se situa a cidade de Buldana. Pouco depois chegaram à missão. O portão de ferro, montado na vedação de chapa canelada que cercava a propriedade, abriu-se. Do outro lado Elmer Burgess, que tinha chegado à Índia recentemente, acenou-lhes à distância. As crianças, gritando e aplaudindo, corriam para receber a carroça. Quando os missionários saíram da carroça um pouco doridos, duas meninas aproximaram-se, tímidas e sorridentes, trazendo as flores com as quais toda a Índia acolhe quem a visita.

Leighton Tracy olhou em volta, esticou bem as pernas doridas e agradeceu a Deus por esta ser a sua nova terra, o seu trabalho e a sua vida. Naquele momento, a chamada era viva, clara e incandescente. Estava a oito dias do seu 22<sup>o</sup> aniversário.

# Capítulo 3

## E Serás Como Um Jardim Regado

Isaías 58:11

Buldana era a principal cidade do distrito. Mesmo em 1901, já tinha 4173 cidadãos. Mais de 3000 eram hindus; cerca de 800 eram muçulmanos; e apenas 114 cristãos<sup>12</sup>. O tribunal e a cadeia ficavam mesmo em frente à missão. Havia filas e filas de pequenas casas cinzentas e lojas com erva a crescer nos telhados planos.

Não muito longe da missão estava um parque de caravanas. Uma das rotas de caravanas passava pelo portão da frente. Lembro-me de como ouvíamos o bater suave das patas dos camelos, numa cadência constante, sincronizada com o tilintar de pequenos sinos, à medida que os animais carregadíssimos iam passando.

Buldana tinha um hospital estatal para o povo indiano. Eu e a minha irmã, Martha, nascemos em Stone Hall, na missão, mas o médico do hospital veio assistir à nossa chegada. Porque o nascimento de meninas não é importante na Índia, o funcionário do tribunal que fez os nossos certificados de nascença foi negligente e não incluiu os nossos nomes. Em consequência, tanto eu como a Martha, temos tido dificuldade em provar, legalmente, que nascemos.

Lembro-me vividamente do bazar: cheio de almíscar e sândalo misturado com tiras de peixe seco, o cheiro a feno doce e a estreme queimado, as carroças viradas ao contrário e os animais quentes, os pesos de ferro colocados num dos pratos da balança, com grão amontoado no outro, o mercador que forçava as pulseiras de vidro colorido num pulso demasiado largo, o artesanato em latão brilhante amontoado em cima da mesa, filas de estatuetas com seis braços, e o indescritível e aguçado, acre cheiro a tecidos que faz arder as narinas.

Buldana tinha postos de correios e telégrafos, um hotel, um cemitério, escolas estatais para raparigas e rapazes, uma escola secundária e um sistema de água com seis tanques que distribuía canos de seis polegadas para 53 conexões privadas e 30 postos de abastecimento, com um limite de fornecimento de água diário de 150 mil litros.

Um desses postos de abastecimento estava no recinto da missão. A água corria para duas cubas de madeira ligadas por um cano coberto de musgo verde. O que transbordava escorria para o jardim. Nós não bebíamos esta água até que fosse meticulosamente fervida. Depois, era colocada em grandes jarros de barro que ficavam na zona mais fresca do alpendre de Stone Hall, pronta para quem quisesse beber. Junto aos jarros, na prateleira de apoio, estava uma caneca de porcelana lascada, e este líquido tépido e sem sabor era o que eu conhecia como água potável. A única altura em que sabia bem era na estação fria, quando o vento fresco arrefecia os jarros durante a noite.

A precipitação média em Buldana era quase 832mm. Mas em 1904 as chuvas não caíram. No Outono, era evidente que haveria seca. Foi decidido que o abastecimento de água da missão seria cortado a 15 de Setembro. Também foi decidido que a exploração leiteira da missão, com 23 búfalos, e a escola missionária para rapazes, deveriam ser transferidos para fora do município.

A exploração leiteira foi criada para dar emprego aos cristãos. Quando os hindus se convertiam ao cristianismo eram expulsos das suas aldeias, sem ter para onde ir ou como ganhar a vida. O meu pai era o homem do campo do grupo. Ficou incumbido de supervisionar a exploração leiteira.

Quando M. D. Wood foi notificado da evacuação, a missão entrou em oração. Reuniram-se no pendre da casa dos Wood. M. D. Wood liderou a oração, seguiram-se os missionários e professores, e algumas das crianças mais velhas. “Chuva; precisamos de chuva, ó Deus. (...) Chuva. (...) Os tanques estão quase vazios. (...) Chuva. (...) Ó Senhor, responde, envia-nos chuva.” Oração sobre oração, petição sobre petição. Com as mãos levantadas, juntas, fizeram um altar de oração como Elias. E quando finalmente saíram à noite à procura da resposta, duas pequenas nuvens formavam um raio de luz quente diante das estrelas do sul, e um leve sopro de trovão ecoou no escuro. Antes do amanhecer já estava a chover. Durante seis dias e seis noites a massa de água varreu-os, onda atrás de onda, até que os seus gritos de alegria passaram a clamor: “Basta, Senhor, basta!” E quando o sol voltou, as pessoas foram até ao tanque alegrando-se de tão cheio que estava.

O abastecimento de água da missão não foi cortado, mas continuavam a precisar de terra para a exploração leiteira. A cerca de 2km da missão, já fora da cidade, estava um terreno de 9 hectares. Tinha solo para agricultura e pasto, e duas boas nascentes na extremidade inferior. Com muito engenho - porque toda a Índia adora regatear - foi decidido um preço que agrada a todos. Os proprietários mostraram então as suas roupas esfarrapadas, provavelmente vestidas de propósito para a ocasião, e pediram casacos novos como presente. Os missionários encontraram alguns casacos velhos e ofereceram-nos aos

proprietários. Ainda lhes ofereceram um búfalo velho e desdentado. E assim, o negócio estava selado.

Este terreno chamava-se Dhamandari<sup>13</sup>. A Dhamandari é uma cobra. Os missionários comentaram que se fosse para ter um nome de cobra, poder-se-ia chamar Naga-land (terra da Naga), pois esta espécie, *nag*, abundava ali.

O meu pai tinha jeito para aquelas coisas. Conseguia desmontar qualquer coisa, e montá-la novamente.

Era raro fazer algo apenas para o nosso prazer pessoal, mas nós sabíamos que era por não ter tempo para nós. “O trabalho” estava sempre em primeiro lugar. Qualquer peça de maquinaria ou ferramenta ganhava vida nas suas mãos. Ele fez um alicate novo partindo de dois estragados. Arranjou um pincel para fazer a barba, aumentando o seu tempo de vida por vários anos. Certa vez, como não conseguia encontrar cabedal para arranjar os seus sapatos, usou solas de estanho. Lembro-me de ver uma caixa de música muito antiga em Stone Hall. Estava avariada, mas o meu pai, tendo alguns minutos livres naquele dia, decidiu arranjá-la; é como se olhar para ela tivesse sido suficiente e já estava a tocar docemente “Lead, Kindly Light” outra vez.

Este engenho nas artes mecânicas era excepcional, mas nada poderia ser feito sem as ferramentas adequadas, e não havia quaisquer ferramentas na missão quando o meu pai chegou.

“Não podemos construir uma quinta nem uma exploração leiteira nem uma missão sem ferramentas”, disse o meu pai, prontamente. Na seguinte entrega de bagagem lá vieram os martelos, uma grande chave inglesa, serras, chaves e brocas, um alicate, formões, machados, limas, chaves de fenda, braçadeiras, níveis de bolha, plainas, marretas, bússolas, divisores, réguas, berbequins, matrizes, porcas e



parafusos, ferro, couro e ferramentas de madeira; e alguma criança lá colocou a sua pequena serra de brincar.

Mas enquanto esperavam a chegada destas maravilhosas ferramentas, era necessário construir um abrigo. Então construíram uma pequena estrutura de bambu, redonda e com apenas uma área interior, e um telhado de capim. Era a casa do meu pai, o depósito da exploração leiteira e a arrecadação da missão. Ele mudou-se para o abrigo dois dias depois do Natal de 1904.

Este tipo de abrigos também eram usados para abrigar os rapazes orfãos. Os búfalos estavam atados uns aos outros a céu aberto, cercados por uma cerca de espinhos para desencorajar predadores. Era um lugar selvagem e solitário. Havia chacais, lobos e bandos de macacos sempre à espreita.

No dia 31 de Dezembro de 1904, os missionários dedicaram a escola dos rapazes. Julia Gibson andou dois quilómetros e meio de Buldana até à missão, durante quase um ano, para ensinar inglês aos rapazes.

Entretanto, a madre Perry, a sua filha, Gertrude, e a Priscilla Hitchens ajudavam na escola de raparigas, costurando e ensinando. Os Davidson eram a secretária e o tesoureiro, a Sra. Wood e a Sra. Barnes tratavam situações médicas, e a Srta. Sprague e Elmer Burgess ajudavam M. D. Wood no evangelismo das aldeias.

Em 1905, as Perry foram transferidas para Chikhli, a cerca de 22Km para o Sul. Lá, começaram uma pequena escola com cerca de meia dúzia de meninos num alpendre. Faziam reuniões na sua casa; algumas cabeças espreitavam pelas janelas mas poucos entravam.

Por essa altura, a esposa de um mercante muçulmano proeminente espetou o dedo em algo e fez uma infecção severa. Ela estava em grande sofrimento. A infecção alastrou de tal forma que o marido pediu ajuda aos missionários. A madre Perry olhou para a mão inchada

e foi a correr para casa preparar uma cataplasma. Todos os dias, aplicava novos cataplasmas sobre a mão infectada. E orava fervorosamente pela mulher. E um milagre aconteceu. A mulher esteve em agonia durante dias; lentamente foram notando-se pequenas melhoras até que o dedo se curou. A reputação da missão e das *samambaias* cristãs cresceu, e Chikhli lentamente abriu as portas.

Em setembro de 1905, as Perry voltaram a Buldana, e Julia Gibson e Priscilla Hitchens mudaram-se para Chikhli, levando consigo a escola das raparigas.

Durante o ano seguinte, três dos missionários tiveram de voltar para casa, deixando apenas nove trabalhadores.

No limiar do novo ano, estavam Gertrude Perry e Leighton Tracy. Sentados no banco de trás da tonga da missão naquele 31 de Dezembro de 1904, de regresso de uma emergência médica na aldeia, não tardou para que as sacudidelas da viagem fizessem deslizar ligeiramente o chapéu de Tracy do seu colo para o de Gertrude, de tal forma que lhe cobrisse a mão. Também não foi de estranhar que a tenha convidado, nessa noite, para caminhar com ele até ao portão de ferro. Estes passeios eram desaprovados pela missão. Era um costume inexistente na Índia. O casamento deveria ser arranjado pelos pais ou familiares ou agentes imparciais.

Comprometendo-se a cumprir este costume para manter a reputação da missão, os jovens missionários foram proibidos de “passear” juntos. A proibição acrescentou urgência ao propósito de Tracy. Leighton Tracy não quis esperar por outra oportunidade de se esgueirar até ao portão de ferro com Gertrude, e, naquela noite proibida, de baixo da benevolência da lua, ele fez-lhe a derradeira pergunta. E embora a resposta dela timidamente o detivesse, a cintilante Cruz do Sul testemunhou que o seu coração assentia.

Casaram-se em Setembro de 1905 e foram viver para a quinta em Dhamandari.

“Qual é a sua memória mais vívida?”, perguntei, casualmente, à minha mãe.

“As ratazanas.” Ela riu-se. “A ousadia dos bichos que nem esperavam pela noite, e quase nos faziam tropeçar durante o dia. Até roeram o canto de uma garrafa de vidro. E os percevejos! Ensopávamos trapos em querosene e amarrávamo-los às pernas dos móveis numa tentativa de os controlar. Só nos livrámos deles quando caiámos as paredes, o tecto e o chão de todas as divisões.”



# Capítulo 4

## Não Fostes Vós Que Me Enviastes Para Cá, Senão Deus

Génesis 45:8

O grande avivamento no País de Gales em 1905 expandiu-se por todo o mundo. Chegou à Índia e espalhou-se por todos os canais evangelísticos. O seu esplendor chegou às duas comunidades cristãs de Buldana, a Aliança Cristã e Missionária e à nossa escola. Incendiou os corações de jovens indianos da nossa escola, homens e mulheres zelosos, preparando-se para partilhar o evangelho de Jesus Cristo nesta parte do seu país. A nossa missão estava à beira de uma grande expansão.

Mas veio um golpe tão forte que na América foi seriamente considerada a hipótese de encerrar a missão na Índia.

Autoproclamando-se “séniores”, porque estavam há mais tempo na Índia, M. D. Wood, a sua esposa e a Srta. Lillian Sprague propuseram a independência de qualquer junta ou comité cuja sede estivesse noutra continente.

Umhas semanas antes, o Comité Missionário na América, dirigido pelo Rev. H. F. Reynolds, tinha nomeado três dos missionários para serem os decisores finais de todos os assuntos importantes relativamente

à missão na Índia. Estes eram M. D. Wood, Lillian Sprague e L. S. Tracy. Mas esta solução não era satisfatória para M. D. Wood. E levou ao envio de uma carta ao Comité Missionário, datada de 8 de Novembro de 1905 e assinada pelos três “séniores”<sup>14</sup>.

A carta falava de chamadas urgentes recebidas pelos três para aceitarem posições grandiosas noutra missão. “Se aceites”, escreveu Wood, “a Missão Pentecostal seria desolada. Os trabalhadores que não nos acompanhariam são, a nosso ver, completamente desqualificados em poder espiritual, experiência e treinamento para assumir as tarefas que agora recaem sobre nós. Se a fim de ganhar as vossas orações e apoio, devemos ser governados e regulados por vós, despedimo-nos em busca de perfeita liberdade noutros campos.”

A carta continuava, indicando que se a sua proposta de ser o único decisor fosse aceite, teria de haver “perfeita harmonia” entre os missionários; se não fosse este o caso, alguns seriam convidados a sair.

Uma carta posterior detalhava as exigências de Wood: um fundo geral para a sua alimentação, higiene e uma casa, 6,50\$ por mês para despesas e nenhuma menção de salários para os restantes trabalhadores missionários.

Os cinco missionários “juniores”, sabendo um pouco do que se estava a passar, enviaram também uma carta ao Comité Missionário, declarando a sua fé na junta americana e o desejo de permanecerem sob a sua liderança.

Naquela altura não havia serviço de correio aéreo, é claro, e os cabogramas eram muito caros. As cartas demoraram mais de dois meses a chegar ao Comité e a 21 de Dezembro foi convocada uma reunião de emergência. Em meados de Janeiro, a resposta foi recebida em Buldana, numa carta endereçada a L. S. Tracy, que continha uma outra carta a ser entregue a M. D. Wood. As duas cartas quase idênticas

continham a aceitação do Comité da demissão dos três “séniores”, os seus salários até ao dia 1 de Fevereiro e a nomeação de L. S. Tracy como superintendente da missão.

Enquanto esperavam a resposta do Comité, os Tracy foram trazidos da quinta, para que os Wood, Lillian Sprague e a Sra. Barnes assumissem o trabalho. A escola das raparigas foi trazida de Chikhli para a quinta, mas a Srta. Gibson e a Srta. Hitchens foram deixadas em Chikhli para fazer trabalho evangelístico. No início de Fevereiro, cerca de dez dias depois de terem entregue a carta do Comité Missionário a M. D. Wood, os Tracy acordaram para encontrar uma lata no alpendre de Stone Hall. Nela estavam os documentos das propriedades de Buldana e Chikhli, e cerca de 75 centavos em dinheiro indiano. Havia uma nota de despedida explicando que aquilo era tudo o que restava depois das contas pagas.

Os Tracy apressaram-se para a quinta. Não se viam missionários, nem professores, nem crianças, nem búfalos, nem leite. Com a excepção de um pregador local, todo o pessoal e propriedade móvel tinha desaparecido. Os Tracy caíram de joelhos, aturdidos e sem capacidade sequer para orar. No meio do choque e do caos, a chamada de Deus veio novamente, clara e inquestionável. Voltar para casa e admitir o fracasso? Não! Ir em frente, de alguma forma, com a ajuda de Deus!

Os dias que se seguiram a este trágico acontecimento foram enovados com a descrença. Os Tracy entraram em contacto com as duas missionárias em Chikhli, enviaram cabogramas ao Comité Missionário na América e tiveram intermináveis conferências.

“As missões, nos seus primeiros dias,” declarou o meu pai pragmaticamente, “são aptas à casualidade. Podem ser abertas prematuramente; ter missionários inexperientes; receber financiamento

esasmódico. Há necessidade de uma visão a longo prazo, de um planeamento económico cuidadoso, de políticas sólidas e de um bom senso comercial. Não temos escolas, nem pregadores ou trabalhadores, portanto, o programa educacional, a exploração leiteira e as outras indústrias são impossíveis. A meu ver, tudo o que nos resta fazer agora é evangelizar e chegar ao povo. Podemos chegar a 3 metros dos pagãos e não os alcançar, e ser tão culpados como se tivéssemos ficado em casa a 3000km de distância. Vamos evangelizar primeiro e educar depois, quando pudermos. Vamos dar prioridade ao que podemos fazer!”<sup>15</sup>

Havia missionários em digressão noutras partes da Índia. O meu pai percebeu rapidamente as possibilidades deste método que consiste em ir directamente às pessoas.

Um missionário em digressão era um missionário que ia viver durante um período de tempo nas aldeias locais. Perto do fim de Novembro, depois das monções, quando o clima se torna agradável e fresco, os missionários preparavam as suas tendas, utensílios de cozinha, alimentos, equipamentos de casa, crianças e cozinheiros e iam acampar. Viajavam em carros de bois e em tongas. O acampamento era montado numa localização central e os evangelistas espalhavam-se pelas aldeias e feiras mais próximas para evangelizar. Pregavam, ensinavam, distribuíam folhetos e vendiam Bíblias por um preço simbólico. Os que ouviam e demonstravam interesse eram convidados para uma sessão de perguntas no acampamento. Nestas reuniões, alguns convertiam-se genuinamente.

Como em qualquer país estrangeiro, a barreira da língua era bastante difícil de superar. De todas as línguas da Índia, o marathi, a língua da nossa área, é a mais próxima do sânscrito original. Em vez de 5 vogais, como em inglês, o marathi tem 16. Em



vez de 21 consoantes, tem 48. Ao todo são mais de 200 caracteres para aprender. Um substantivo tem 8 casos, um verbo 4 métodos de concordância e 17 tempos verbais. Os missionários aprenderam que algumas palavras em inglês têm um significado completamente diferente em marathi. Por exemplo, *goose* (ganso) é um rato, *mice* (ratos) é um búfalo, e *dude* (gajo) é leite. Os missionários esforçavam-se por dominar a língua e pelo caminho diziam coisas engraçadíssimas. Começaram a estudá-la formalmente, mas tiveram de parar por falta de verba. Tiveram de aprender sozinhos. Foi enviado dinheiro para comprar um par de bois; um dos presentes de casamento dos Tracy foi usado para comprar uma carroça velha. Com uma frugalidade restrita, conseguiram plantar feno, grão e alguns vegetais na quinta. A tentativa de Tracy de fazer com que os agricultores locais usassem um arado de ferro para arar e conseguir melhores colheitas foi ouvida educadamente e ignorada. O que havia sido suficientemente bom para os seus antepassados era certamente bom para eles. E continuaram a usar as suas varas para arranhar a superfície.

Uma coisa é plantar um terreno, outra, é encontrar água para fazê-lo crescer. As duas nascentes na extremidade inferior da propriedade tinham secado na estação quente. O meu pai contratou trabalhadores Hindus para o ajudarem a escavar um



Peneirando grão.

O vento leva a palha e fica apenas o grão.

poço com 7 metros de profundidade. Um apelo às igrejas americanas trouxe dinheiro para uma bomba de água para uma profundidade de até 12 metros.

Era difícil conseguir que os homens trabalhassem na estação quente, particularmente num poço cristão. Vez após vez eles não apareciam para trabalhar de manhã. Lentamente, foram escavando.

“Sahib”, disseram os trabalhadores a Tracy, “as pequenas pedras caem sobre os nossos pés descalços e ferem-nos. Se trouxer um coco e o sacrificar aqui, nada acontecerá.”

“Não”, respondeu o meu pai, “este é um campo cristão e um poço cristão. Deus cuidará de nós porque somos Dele”.

Em poucos minutos, uma pedra deslocou-se da lateral do poço e atingiu um adolescente na têmpora. Todo o futuro das missões nazarenas na Índia estava suspenso no instante em que o meu pai saltou para o poço, acreditando que o rapaz estava morto. A reputação da missão e o respeito da comunidade já estavam abaixo de zero e era difícil conseguir trabalhadores. Havia muita superstição. E agora, depois de se recusar a sacrificar um coco aos deuses indianos, e declarar a sua fé no Deus cristão, o rapaz tinha sido morto por uma pedra.

Mas Deus estava lá. O meu pai carregou o jovem cuidadosamente para o hospital da cidade e, uma semana depois, estava de volta ao trabalho no poço.

A água boa e doce começou a correr, mas o meu pai não ficou satisfeito, e continuou a escavar até aos 9 metros. Um poço tem uma média de 3 metros de profundidade e mesmo na estação quente reabasteceu-se durante a noite.

Os missionários estavam cansados. Estavam na Índia há quatro anos e os últimos dois tinham sido um esgotamento constante da

sua força e coragem. Eram precisos novos recrutas. Os clamores por ajuda em cartas e cabogramas eram respondidos tristemente com “Não há dinheiro. Aguentem!” E os cinco continuaram no escuro e amplo deserto de idolatria e oposição inacreditável.

Certo dia escaldante, em Abril de 1908, quando a temperatura sob a densa figueira-de-bengali do nosso jardim estava acima dos 40°C, a Tonga postal de Malkapur parou bruscamente em frente aos portões de ferro. Um homem esguio entrou sem qualquer aviso pelo caminho de cascalho e hesitou ao chegar ao alpendre. Não havia ninguém por perto. Estava demasiado calor para fazer o que quer que fosse. O meu pai estava a tentar escrever cartas e artigos no seu escritório abafado. Os papéis colavam-se aos seus pulsos; as moscas eram insuportáveis. Ele viu uma sombra no alpendre - alguém tinha vindo à procura de medicamentos, com certeza. Cansado e desanimado ele secou o rosto e saiu.

“Irmão Tracy?” perguntou o simpático rapaz.

“Sim”, respondeu o meu pai com uma pergunta no seu aperto de mão.

“Sou L. A. Campbell. Vim apresentar-me a si, meu superintendente. Eu, a minha esposa e dois outros, um jovem, A. D. Fritzlan, e uma moça solteira, a Srta. Olive Nelson. As nossas igrejas na América vão unir-se oficialmente e fomos instruídos a procurá-lo para nos associarmos à vossa missão.”

Ele continuou a falar, mas o meu pai não aguentou. Ouvi-o contar a experiência alegremente: “Caíram directamente do céu”, disse ele. “Quatro! Jovens! Saudáveis! Que resposta colossal de Deus!”

Nos Estados Unidos, a reunião da união da Igreja da Santidade de Cristo com a Igreja Pentecostal do Nazareno foi realizada em Pilot Point, no Texas, a 8 de Outubro de 1908.

O meu pai não era um ministro ordenado. No jornal da Assembleia Geral realizada naquele Outubro, foi registado o seguinte:

“Segunda-feira, 12 de Outubro, manhã: O Comité das Ordens (...) recomenda (...) que Leighton S. Tracy, da Índia (...) seja eleito para a ordem dos anciãos. A recomendação foi aceite.”

Tracy tinha a sanção da igreja, mas nenhum ancião impusera as mãos sobre a sua cabeça, comissionando-o para este mandato sagrado. O único ancião entre os missionários era o Rev. L. A. Campbell. Foi decidido que ele iria officiar o culto de ordenação do meu pai<sup>16</sup>.

O Comité Missionário convocado em Junho regozijou-se por estarmos novamente no número de missionários necessários ao bom funcionamento da missão. Quão dolorosamente eram necessários tornou-se evidente em poucas horas. Os missionários notaram que o seu jovem superintendente parecia extraordinariamente cansado. Tracy estava mais do que cansado; estava doente. Era febre tifóide. Poucas horas depois da bênção que encerrou o conselho, o meu pai entrou em delírio. Esteve inconsciente durante 11 dias. As mensagens apressavam-se pelos cabos debaixo do oceano, dizendo: “Orem! Orem! Orem!”

O médico do governo local em Buldana, o Dr. Rodgers, mudou-se para o bungalow, dia e noite. O vice-comissário britânico solicitou notícias hora a hora e enviou gelo, sopas e outras iguarias.

No domingo à noite, depois de uma leve hemorragia, o meu pai estava a piorar rapidamente. Reunimo-nos no seu quarto para orar fervorosamente. O médico disse-nos que não havia esperança. Mas Deus respondeu à oração. O meu pai retomou consciência e disse: “Estou muito cansado; posso descansar?”

O médico perguntou a Julia Gibson: “Não nos podemos reunir e orar para que Deus cure o Sr. Tracy?”

Tínhamos estado a fazer isso, como é claro, mas juntámo-nos ao médico no alpendre e pedimos a Deus que curasse o meu pai.

Na segunda e na terça-feira, o meu pai teve novamente períodos de perda de consciência, e o médico não podia fazer nada. Saiu do quarto, mas não foi para casa. Foi para a nossa sala de estar e prostrou-se. O irmão Fritzlan encontrou-o mais tarde, agachado no chão, encravado entre o nosso pequeno órgão e a parede, soluçando descontroladamente e clamando a Deus pela cura do meu pai. Não voltou a ser o mesmo depois deste episódio.

A recuperação do meu pai foi lenta. Teve duas recaídas alarmantes. O Comité e alguns amigos enviaram dinheiro, e ele, a minha mãe e a minha avó foram para o monte Abu, a norte de Bombaim, onde a melhor altitude e o descanso o trouxeram de volta à saúde.

O efeito deste milagre de cura “electrificou” Buldana. As pessoas conheciam a febre tifóide. Quando ouviam as notícias das recaídas do meu pai assentiam com toda a certeza: é o karma (destino). Mas o padrão do karma foi desfeito: Tracy Sahib recuperou! Oração, disseram os missionários; oração ao único e verdadeiro Deus. Oração, concordaram os hindus, muçulmanos e parsis; oração a um Deus poderoso, embora não estivessem dispostos a dizer que Ele era o único. Era, no entanto, merecedor de mais interesse.

Este foi o momento decisivo do nosso trabalho missionário na Índia. A oposição oficial cessou. As muralhas foram oficialmente derrubadas, e os campos estavam abertos diante dos missionários, prontos para a colheita<sup>17</sup>.



Primeira fila: (da esquerda para a direita) Prescott Beals, Bessie Beals, John McKay,  
Andrew Fritzlan e Daisy Fritzlan (segurando o chapéu).  
Fila de trás: (da esquerda para a direita) Gertrude Tracy, LS Tracy,  
Eltie Muse e Amanda Mellies.

# Capítulo 5

## Na Aradura e Na Sega Descansarás

Êxodo 34:21

Era tempo de colheita. Os rebentos verdejantes da plantação do Evangelho começaram a surgir.

Babaji Mhaske, de casta social baixa e com má reputação, foi um dos poucos que se aventurou a entrar na escola dominical leccionada por Julia Gibson. Lucas, o pregador que trabalhava com Julia, disse, sobre os que estavam do lado de fora: “Não gostam dos nossos costumes, Srta. Sahib. Estão tão habituados ao pecado e ao mal que é como se fosse um doce para eles”.

A luz penetrou a mente de Babaji e ele tornou-se cristão. Não era fácil ser o primeiro convertido numa comunidade tão familiar. Com coragem, renunciou às suas práticas hindus e pediu para ser batizado.

Os missionários esperaram. Observaram a vida Babaji mudar. Aprendeu a ler. Testificou ao seu povo e foi testado por eles à sua maneira.

Por fim, os missionários tinham certeza de que a sua conversão era real. O culto batismal foi realizado no tanque estatal em Buldana. Foi oficiado pelo Rev. Campbell<sup>18</sup>.

“Babaji”, entoou solenemente: “Eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amén!”

Este foi o grande momento - a separação final entre os seus antigos costumes hindus e a sua nova vida cristã. Segurando o indiano com firmeza, o irmão Campbell levantou-se e esforçou-se para o submergir. Este, imediatamente jogou o braço em volta do pescoço do missionário, agarrando-se com firmeza; escorregou, com certeza. Ba-



L. S. Tracy a baptizar um novo crente.

baji não tinha sido instruído sobre o procedimento do batismo. Estava a ser cauteloso. Envergonhado, o missionário voltou a tentar, mas Babaji permaneceu firme. “Mas porquê? Que ideia!”, exclamou o missionário perturbado.

À beira do tanque, os sorrisos e risadinhas foram passando a gargalhadas desmesuradas. O meu pai quase que explodia. Entregou o relógio de pulso à minha mãe e saltou para o tanque. Gentilmente, o meu pai explicou a

Babaji o significado da imersão na vida do cristão. “Eu e o Campbell Sahib vamos submergê-lo completamente como símbolo do que Cristo fez por si, pode ser? Está disposto a isso?”

“Ó, sim, Sahib, sim!”

E quando os missionários finalmente batizaram Babaji, ele quase que se atirou para dentro do tanque, tal era a sua ânsia.



O trabalho cresceu. A 29 de Janeiro de 1911, foi organizada a primeira Igreja do Nazareno da Índia em Buldana. Com dois membros fundadores e seis estagiários. Teve de ser reorganizada várias vezes, mas tornou-se uma igreja forte.

Chegou o momento dos missionários terem alguma folga. Os meus pais e a minha avó, a Sra. Perry, viajaram por terra até à ponta da Índia, apanharam um ferry para Ceilão (hoje Sri Lanka), de onde, a 9 de Março de 1911, navegaram para Nova York via Nápoles,

Onde tiveram alguns meses de descanso, assembleias e alguns trabalhos comissionados. Entretanto, chegaram da Índia algumas notícias preocupantes; alguns pastores tinham voltado ao hinduísmo. O Comité Missionário, desencorajado, voltou a ponderar encerrar os trabalhos na Índia e aplicar o financiamento noutros projectos<sup>19</sup>.

“Não, não, não”, vociferou o meu pai, pensando em Babaji e noutros jovens cristãos. “Haverá uma colheita. Deixem-me voltar e cultivar a semente junto com os outros.”

A 19 de Outubro de 1912, zarparam com dois novos recrutas, a Srta. Myrtle Mangum e a Srta. Lela Hargrove. As novas recrutas ficaram a trabalhar em Calcutá, enquanto a nossa família continuou para Buldana.

Toda a gente em toda a parte do mundo gosta de bebés. Mas no Oriente, tendo escolha, todos os primogénitos e até os segundos filhos, devem ser rapazes.

O meu pai tinha duas filhas, e ambas foram celebradas alegremente entre a comunidade cristã. Mas quando o Philip nasceu, houve um grande júbilo - um filho, finalmente! Philip-baba, o *chota Sahib*, “pequeno mestre”, havia chegado. Com este acontecimento, o respeito pelo superintendente da missão subiu um ou dois pontos.

Mas a chegada do bebê Philip não foi rotineira. Estávamos em meados de Novembro, as chuvas haviam passado, o clima estava calmo e agradável, e o bebê não deveria nascer até daí a duas ou três semanas. O Dr. Rodgers foi transferido e não estava disponível. Os meus pais ouviram falar de um hospital estatal com um bom médico em Jalgaon, na presidência de Bombaim.

Estávamos a ficar em cima da hora. O meu pai tinha estado numa convenção em Outubro. Depois viajou de emergência para Calcutá, onde alguns missionários estavam doentes.

E acabara de chegar a Buldana, onde deixou a avó Perry a tomar conta do trabalho.

Arrumando a família cuidadosamente no carro lateral da sua moto, levou-nos até Malkapur, onde embarcámos no comboio para Jalgaon. Em Jalgaon não havia hotéis e os meus pais decidiram montar acampamento num agradável bosque a cerca de 2 quilómetros do hospital. Durante a tarde, o meu pai e o cozinheiro foram à cidade comprar mantimentos para os dias seguintes. Decidiram dispensar o carro alugado e regressar a pé. Tudo estava a correr lindamente; todo a gente estava a cooperar - excepto o bebê, que decidiu chegar antes do previsto. O meu pai e o cozinheiro regressaram ao acampamento para nos encontrar num alvoroço. A minha mãe estava cheia de dores, a Martha e eu, ainda quase bebês, estávamos a chorar desalmadamente com medo.

Deixando o cozinheiro no acampamento, começámos a descer o caminho rochoso o mais rápido que podíamos. Mas não éramos suficientemente rápidos. Quando eu e a Martha chegámos à estrada, o meu pai ia a correr e a dizer: “Depressa! Depressa!”

De repente, um carro de duas rodas passou por nós a caminho da cidade. Cheios de pressa, saltámos para o carro. O condutor olhou

para nós e apressou os bois, surpresos e assustados. Estávamos coladas às laterais do carro enquanto este era puxado agitado sobre as pedras do caminho. O meu pai tentava segurar a minha mãe nos seus braços.

Mas não chegámos ao hospital.

“Não aguento mais; Não aguento; Não aguento.” Dizia a minha mãe lavada em lágrimas.

Ao virarmos a última curva numa única roda, avistámos o *bungalow* da Aliança Cristã e Missionária. O meu pai pediu ao condutor que parasse o carro; com a minha mãe nos braços saltou para o chão, atirou-lhe umas notas e apressou-se pelo caminho em direcção ao *bungalow*. Os Schelander estavam em visitas. Empurrando a porta, o meu pai encontrou um quarto com um berço. Eu e a Martha, segui-mo-lo para o quarto, como havíamos sido instruídas a fazer. Mas não percebemos porque é que nos mandaram embora e fecharam a porta nas nossas caras. De volta à rua, o meu pai saltou pela vedação entre a propriedade da missão e o hospital. O médico não estava lá. Ele explicou a urgência da situação à enfermeira-chefe. E saltou novamente a vedação para regressar à missão.

Chegou ao *bungalow* sem fôlego e desgrenhado, no momento certo para trazer ao mundo o seu próprio filho. Duas jovens missionárias muito nervosas estavam junto a eles. Quando tudo já estava a acabar, a enfermeira-chefe entrou no quarto e assumiu o controlo da situação. Na noite seguinte transportaram a minha mãe e o seu bebé para o hospital.

De pé ao lado da minha mãe e da coisinha avermelhada que diziam ser o meu irmão, contaram-me que os estudei solenemente; depois, olhando para as grandes fissuras no tecto sobre o berço, eu apontei e disse: “Ele desceu do céu por ali!”

Completamente despreparada para as gargalhadas que se seguiram, rompi num choro magoado e tive de ser levada para outro lado. Um pai relaxado e radiante trouxe-nos de volta para Buldana.

Nós, os três filhos, convidávamos o nosso pai para participar em todas as nossas actividades e interesses, mas era pouco comum que ele tivesse tempo para aprofundar o relacionamento connosco.

---

**Quando éramos  
pequenos  
chamávamos-  
lhe papá (...). O  
papá era aquele  
cavalheiro  
britânico-  
canadense, alto,  
erecto, bem  
constituído, de  
cabelos negros,  
sempre de óculos  
e bigode.**

---

“O trabalho” era tão urgente. Era primordial, exigente, absorvente. Ele saía no seu cavalo, Buddy, cujo nome vem de Bud Robinson<sup>20</sup>, ou na sua motorizada, deixando uma nuvem de pó amarelado; às vezes montava o *sidecar* e levava-nos consigo, mas saía quase sempre sozinho para tratar do “trabalho”.

O trabalho ocupou toda a sua vida - quase. Lembro-me de estarmos uma vez de férias nos Himalaias, quando o meu pai tirou um dia inteiro do trabalho e juntos, como uma família, fomos fazer um piquenique no Happy Valley. Nós não sabíamos que tínhamos um pai tão brincalhão. Ele jogou e brincou connosco e rimos o dia todo. Não voltou a acontecer.

Quando éramos pequenos chamávamos-lhe papá, mais tarde, com as alterações na etiqueta parental passou a ser pai. O papá era aquele cavalheiro britânico-canadiano, alto, erecto, bem constituído, de cabelos negros, sempre de óculos e bigode. Os óculos eram uma necessidade; o bigode, uma distinção. Os óculos alargavam o seu rosto esguio, mas não lhe escondiam os olhos. Eram olhos bonitos, olhos amigáveis, olhos cinza, segundo o seu passaporte, com nuances

diferentes consoante a intensidade da luz. Eram olhos esverdeados, castanhos e manchados como uma ágata, que me lembravam a folhagem seca no início da estação quente.

Mas aquele bigode! Sempre cuidadosamente cortado e aparado, pertencia ao rosto dele. Sem o bigode, não era o papá. Naquela época, não era costume os homens raparem os bigodes e os missionários de barba feita eram muitas vezes tidos com mulheres. Ainda muito pequenos aprendemos a observar as pequenas alterações de humor do papá pela expressão do seu bigode. Em questões disciplinares, era o termómetro mais seguro. Qualquer que fosse o tom oculto da sua voz e o olhar controlado, o bigode deixava transparecer. Severo e rígido: tínhamos ultrapassado a marca; mas se apenas um filamento estremecesse estávamos à vontade para explodir em risos e gargalhadas como geralmente acontecia.

Uma vez em Calcutá, chateámos tanto o papá até que ele finalmente nos comprou dois porquinhos-da-índia. E nós aceitámos prontamente a responsabilidade de tratar deles. Durante algum tempo vivíamos fascinados com o crescimento dos bichinhos. Mas certo dia esquecemo-nos de os alimentar. Quando nos interromperam a brincadeira para abordar o sucedido ficámos genuinamente arrependidas; mas da segunda vez apenas ligeiramente. Ao terceiro esquecimento não houve persuasão, súplica ou choro que demovesse o papá. Não voltámos a ver os porquinhos-da-índia e fomos proibidas de ter mais. Ainda recebemos um sermão sobre crueldade com os animais sob o nosso cuidado e quebra de promessas. Ficou para a vida.

Certo ano, a Martha recebeu um par de novilhos como prenda de aniversário. Noutro, o pai deu-lhe quatro ovos de pavão. Sob uma velha galinha, dois deles chocaram. Os belos pássaros dividiam o seu tempo entre o pombal da missão e o templo hindu da mãe-deus a

800m de distância, onde passavam o dia a usufruir das ofertas deixadas aos ídolos pintados de vermelho e onde eles próprios passaram a ser objectos de adoração.

Os contentores de madeira vindos da América eram a principal fonte de excitação melodramática. A generosidade do nosso povo era tão esmagadora como é agora, mas o conhecimento do que é apropriado e mais apreciado aumentou muito com os anos. A pessoa que colocou os três primeiros chupa-chupas no contentor não sabe como contribui para a nossa americanização como mais ninguém. Nós não sabíamos o que eram chupa-chupas e tiveram de nos explicar tudo. Nuca nenhum doce durou tanto tempo. Só dávamos uma lambidelinha por dia, imaginando que éramos verdadeiras crianças Americanas enquanto durasse. E quando nos enviaram um pedaço de parafina, a mamã e a avó não a usaram para cobrir os frascos de compota, como seria de esperar. Mostraram-nos como os Americanos mastigam pastilha elástica. Era totalmente sem sabor, mas ficámos entusiasmadíssimas.

O contentor de Natal chegava geralmente alguns meses depois, porque os gentis remetentes não faziam ideia do tempo que demorava a viagem. Chegavam no pico da estação quente. Tão quente que toda a nossa existência parava. Não se trabalhava, não se brincava. A comida só era engolida quando éramos ameaçados de não sair da mesa até terminar. E nisto ouvimos o ranger dos pregos a serem desencravados da *madeira*, o bater do martelo, e o contentor estava finalmente aberto.

No topo, uma manta de retalhos - sempre! Uma linda, grossa, manta de retalhos de lã, meticulosamente costurada à mão, carinhosamente acolchoada e, às vezes, lindamente bordada com os nomes das pessoas que a enviavam. Às vezes havia brinquedos consertados; uma vez encontramos uma lata de bacalhau estragado. Havia uma

caixa ocasional de flocos de milho empapados, um bolo de frutas ou pacotes de frutas secas, ou uma lata de leite evaporado da marca Carnation. A minha mãe e a minha avó, oriundas de Vermont, entraram em êxtase com um pequeno pedaço de açúcar de ácer. Haviam vestidos de vários materiais e tamanhos, uns elegantes, outros extremamente antiquados, outros simplesmente perfeitos. E muitas vezes encontrávamos várias quantidades de roupas íntimas, compridas, pesadas e lanosas. Só de lhes tocar ficávamos cheias de comichão.

Nunca nos esqueceremos daquela vez em que o meu pai recebeu um fato sindical. O nome dele estava bordado em letras grandes no casaco. Talvez não lhe servisse; de qualquer forma, o meu pai ofereceu o fato a um indiano, um novo convertido que tinha muito pouco e precisava de tanto. Grato e cheio de orgulho, apareceu na igreja no Domingo seguinte com o fato do Sahib esplendidamente identificado com L. S. Tracy na lapela, e com o seu turbante vermelho na cabeça. Não me lembro sobre o que foi a pregação do meu pai naquele Domingo, mas lembro-me que durante todo o culto o seu bigode estremeceu descontroladamente e nós, filhos, tivemos de ser removidos à força para evitar o escândalo.

A Martha e eu estávamos praticamente sozinhas no que toca à brincadeira. Embora os novos cristãos fossem incríveis connosco, nós éramos uns monstros com eles. Vestíamos os seus melhores saris, sem qualquer cuidado. Sem jeito nenhum, moíamos os seus cereais e os grãos de pimenta, usados para fazer caril, nos moinhos de pedra. Puxávamos o *lustró* ao chão das suas casa, espalhando com as mãos a mistura de estrume de vaca diluída e deixando caos atrás de nós. Mas depois de terminado e seco, era rijo e brilhante, limpo e sem cheiro, e o melhor repelente de térmitas que existia. Carregávamos os seus bebés nas nossas ancas e puxávamos água do

poço, equilibrando os jarros grandes nas nossas cabeças e entornando mais de metade da água.

Fazíamos as nossas bonecas e peluches, a partir de fronhas velhas que enchíamos com trapos. Jogávamos valetes com pedrinhas, jogando uma ao ar e imaginando que era a bola que não tínhamos. Subíamos a muitas árvores, onde tínhamos longas conversas uma com a outra. Em Buldana, fizemos de um tamarindo grosso a nossa casa de brincar, mas a figueira-de-bengali em frente ao nosso alpendre era a nossa favorita.

Como filhos dos primeiros missionários da nossa denominação, fomos pioneiros em matéria de educação. Não foi enviado dinheiro para um subsídio escolar. Mas os nossos pais estavam determinados a dar-nos uma educação elementar formal. Deus proveu as nossas necessidades através de presentes especiais, que pagaram uma anuidade e pensão completa, minha e da Martha, na escola de raparigas em Calcutá; depois passámos para a escola presbiteriana, Woodstock, no sopé dos Himalaias. Ficava a uma altitude adequada para que tivéssemos um ambiente limpo e fresco no verão.

Nos primeiros anos, éramos alunas internas na escola construída na encosta da montanha. Mais tarde, a minha mãe e a minha avó alugavam cabanas à vez em Landour, imediatamente acima de Woodstock, e nós descíamos e subíamos a colina para ir para a escola todos os dias. Certa vez fui mandada para casa com malária, carregada numa cesta às costas de um *coolie*.

Lembro-me claramente de uma adorável boneca que os meus pais me ofereceram pelo meu aniversário. Gostava tanto dela, como qualquer rapariga, e chorei durante semanas quando a matrona do colégio ma roubou para a dar à sua filha. Os meus pais não voltaram a ter recursos para a substituir.



# Capítulo 6

## Eis Aqui Esta Terra, Eu a Dei Diante de Vós

Deuterónimo 1:8

O Dr. H. F. Reynolds fez a sua primeira visita à Índia em Abril de 1914. No navio que partiu de São Francisco havia um grande grupo de missionários sob a tutela do Dr. Reynolds. A maioria estava escalada para o trabalho missionário nazareno na China e no Japão, mas três jovens estavam a caminho da Índia: as Srtas. Hulda e Leoda Grebe e a Srta. Virginia Roush. A última foi enviada para Buldana onde fez trabalho evangelístico durante quatro anos, até que a sua saúde começou a falhar e se viu obrigada a voltar aos EUA<sup>21</sup>.

Hulda e Leoda Grebe, ambas enfermeiras de profissão, foram consideradas bens essenciais na recente missão em Calcutá.

Em 1903, ou 1904, uma senhora inglesa, a Sra. Avetoom, iniciou um pequeno trabalho evangelístico em Calcutá. Associada a ela estava uma jovem viúva bengali, a Sra. Banarji, que conseguiu fundos para iniciar uma pequena escola para 16 viúvas em Janeiro de 1905. No ano seguinte, ela contactou a Igreja do Nazareno, liderada pelo Dr. Phineas Bresee.

Quase um ano e meio depois, os grupos de santidade da Nova Inglaterra e da Costa do Pacífico uniram-se nos EUA, e Leighton Tracy foi enviado para inspecionar este trabalho e conversar com a Sra. Avetoom e a Sra. Banarji. Algum tempo depois, a igreja de Los Angeles enviou o Sr. e a Sra. E. G. Eaton e o Sr. V. J. Jacques para esta área e, pela mesma altura, a escola foi transferida da cidade para a Hallelujah Village, um grande complexo nos subúrbios de Calcutá.

Quando o Dr. Reynolds chegou, a Sra. Avetoom tinha acabado de voltar para a Inglaterra, o Sr. Jacques para os Estados Unidos, a Sra. Banarji estava de saída e os Eaton estavam muito doentes com a febre da malária.

“Eles devem ir para casa imediatamente”, disse Reynolds, e mandou chamar o meu pai. “Venha o mais rápido possível. Eu fico com as três jovens missionárias até que chegue com a sua família. Vou enviar-lhe um novo superintendente para que lhe mostre como todo o trabalho funciona em Buldana e para que se possa dedicar ao trabalho na Índia ocidental.”

Morámos em Calcutá um ano e meio. Os Eaton tinham aberto dois postos missionais: um na cidade de Mymensingh, a cerca de 480km a noroeste de Calcutá; e o outro nas Colinas de Garo, a 160km a norte do primeiro. Nenhum deles de grande valor para o nosso trabalho. Em ambos, haviam missões de outras igrejas com bastante sucesso. O Dr. Reynolds chamou a Srta. Mangum e a Srta. Hargrove de Mymensingh e reorganizou a Hope School com elas no comando. Hulda Grebe ficou encarregada da educação religiosa, e Leoda Grebe ficou responsável pelo trabalho médico. Cerca de um mês depois de nos mudarmos para Calcutá, o meu pai foi até Mymensingh para empacotar os móveis da missão. De lá, fez a primeira viagem exploratória a Kishorganj, uma cidade a sudeste de Mymensingh.

Como não sabia falar bengali, levou um intérprete consigo, mas antes de chegarem à estação de caminho de ferro mais próxima, a 30km de Kishorganj, este apanhou um surto de febre e teve de regressar a Calcutá. Durante cinco dias o meu pai comeu da cesta que levava de casa. Já só tinha parte de uma lata de arenque fumado e pouco pão.

Era a estação das monções e a chuva caía em torrentes. Uma carroça postal partia para Kishorganj na madrugada seguinte, por volta das quatro horas da manhã. O meu pai era o único passageiro, mas antes do dia nascer os cavalos já estavam atolados na lama e tiveram de parar. Tanto os sacos de correspondência, como o meu pai foram transferidos para um barco, no rio Brahmaputra, e depois para outra carroça postal que finalmente chegou a Kishorganj.

O *bungalow* em Kishorganj deixava muito a desejar. Normalmente havia pelo menos um caseiro e um cozinheiro, ou coisa parecida; mas ali o meu pai encontrou apenas uma porta trancada. Não muito longe, avistou um edifício de tijolo que parecia pertencer ao governo.

Foi até lá, e conheceu o magistrado do distrito. O meu pai explicou a situação e o magistrado mandou um dos seus servos chamar o caseiro do *bungalow*. E convidou o meu pai para jantar. O que ele aceitou de bom grado.

Mas como não comia nada há bastantes horas, o meu pai pediu ao caseiro que encontrasse alguém para lhe preparar uma refeição. O homem veio, mas eram já cinco da tarde quando terminou de cozinhar. O meu pai comeu um pouco do arenque e do pão da sua cesta e foi até à cidade à procura de propriedade para compra ou aluguer, onde pudesse abrir uma missão naquela área.

No dia seguinte reuniu estatísticas e informação sobre a saúde do distrito, precipitação, temperaturas, *etc*; tomou o pequeno almoço

com o magistrado; tomou o chamado tiffin<sup>22</sup> com a polícia; e apanhou a tonga postal na viagem de regresso.

Mesmo cansadíssimo, o meu pai teve de andar ainda um bom bocado de regresso ao barco, porque os cavalos não conseguiam caminhar pela lama com ele e com toda a correspondência. Do barco, às três horas da manhã seguinte, fez o caminho para Gafargaon a pé, dormiu no chão da sala de espera até ao romper do dia e apanhou o primeiro comboio para Calcutá.

Este foi o início do nosso trabalho na Índia oriental, em Kishorganj. As pessoas naquela zona eram receptivas, mas passaram-se vários anos até que o trabalho finalmente se estabelecesse.

O Rev. George Franklin foi enviado para supervisionar o Distrito da Índia Oriental. Chegou a 13 de Agosto de 1915 e um mês depois casou-se com a sua amiga dos tempos de faculdade, a Srta. Hulda Grebe.

Um mês depois da viagem do meu pai a Kishorganj, Franklin visitou o trabalho nas colinas de Garo. Percebeu que a mesma denominação já estabelecida em Mymensingh também tinha um trabalho extensivo ali. O Dr. Reynolds e o Sr. Franklin concordaram com o meu pai e decidiram entregar o trabalho das Colinas de Garo àquela denominação e focar os seus esforços em Calcutá e Kishorganj. O trabalho nas colinas de Garo foi encerrado em 1916.

Lembro-me bem do complexo da missão em Calcutá. Tinha um grande *bungalow* com um telhado plano muito largo. Às vezes durante a estação quente, nós costumávamos dormir lá, sob as estrelas. Havia um relvado extenso, onde jogávamos badminton ao fim da tarde. No jardim cresciam flores, arbustos, jaqueiras e goiabas, e os altos coqueiros inclinavam-se sobre o tanque de rega. Bandos de macacos saltavam entre as árvores; e só tínhamos de lhes atirar algumas

pedras para recebermos cocos de volta. Os rapazes saltavam para o tanque para resgatar os cocos atirados pelos macacos.

O complexo tinha um caminho relvado que levava até ao portão da frente e era cercado por uma vedação ligeira, fácil de atravessar; a Hope School, no entanto, era cercada por um muro alto e tinha um único portão, vigiado, com uma vala cavada à volta, que levava à estrada.

Lembro-me de que um dia, durante a estação das monções, a minha mãe levou a Martha e eu num dos *gharris* da missão (uma carroça de quatro rodas) para tratar de alguns assuntos. O meu pai estava fora numa das suas muitas viagens. Já de regresso à missão, o caminho que levava à entrada tinha ficado completamente inundado e o pónei não conseguia atravessar. Começou a escurecer. A chuva era como cortinas de água ondulando num vendaval. Lentamente, o *gharri* mudou de direcção para nos deixar em frente ao portão da escola e lá foi no seu caminho. A vala junto ao portão também estava inundada e com uma corrente muito forte. Normalmente, o portão era aberto à primeira chamada mas, naquela noite, gritámos e gritámos, até ficar roucas, e nada. A tempestade abafava os nossos gritos. Erguendo as longas saias delicadamente, completamente encharcadas, a minha mãe aproximou-se da vala para testar a corrente. Parecia não ter fundo. Tentámos gritar novamente, à espera que alguém ouvisse. Mas depois, abandonando toda a cautela e decoro, a minha mãe encheu-se do espírito materno e atirou-se para a vala. Agarrando-me, avançou cautelosamente pela água negra que corria com toda a força contra nós. À profundidade da cintura, talvez até do peito, com detritos e troncos a bater no nosso corpo, lá atravessámos. A minha mãe atirou-me para fora da água e voltou para trás para ir buscar a Martha. Já dentro da propriedade, corremos

para a porta do *bungalow* pelo caminho encharcado. A porta abriu-se quando chegámos ao alpendre e alguém, completamente horrorizado, puxou-nos para dentro para o aconchego e segurança da casa.

Era raro para qualquer um de nós termos o nosso pai em exclusividade. Certo dia, ele escolheu-me como sua única companheira para tratar de alguns assuntos na cidade. Era o meu pai que ia montado no cavalo. Lembro-me de ter tagarelado sobre nada durante algum tempo, depois, ao passarmos por um templo, eu apontei e perguntei: “Papá, porque é que não vamos lá agora e destruímos todos os velhos ídolos e fazemos com que as pessoas parem de os adorar?”

---

**Era isto. Era isto que contava. Era isto o porquê de estarmos ali. Era este o plano de Cristo, era esta a nossa missão, o nosso trabalho, as nossas vidas.**

---

Parecia-me um método muito mais eficaz do que escolas dominicais, escolas de órfãos e evangelismo nos bazares. O meu pai escutou atentamente.

“Achas que isso os faria parar de adorar os ídolos?”, perguntou gentilmente.

Hesitei. “Bom, se eles arranjassem mais ídolos, nós íamos destruí-los outra vez.”

O papá ficou um momento em silêncio. E então perguntou: “Achas que seria melhor se fossem eles a destruir os seus próprios ídolos?”

“Mas eles não o fariam”, disse eu categoricamente. “O papá sabe que não.”

“Talvez alguns o fizessem se lhes falássemos de Jesus e do Seu amor e se O começassem a amar também. Deixariam de querer os seus ídolos e seriam eles próprios a destruí-los. Se os destruíssemos agora, as pessoas ficariam zangadas connosco e adorariam os seus ídolos ainda mais. Mas se aprendessem a amar Jesus, deixariam de

querer ídolos. Poupava-nos o trabalho de ter vir aqui várias vezes destruir os ídolos. Não seria melhor assim?”

“Sss-im...”, admiti eu, com relutância.

Não era tão entusiasmante como a minha ideia, mas consegui perceber que a sua era melhor. E pela primeira vez vi o propósito de ter escolas dominicais e orfanatos, e de pregar, de dar remédios, de visitar e de elevar o padrão de vida económico. Era isto. Era isto que contava. Era isto o porquê de estarmos ali. Era este o plano de Cristo, era esta a nossa missão, o nosso trabalho, as nossas vidas.





# Capítulo 7

## Para Que Semeieis a Terra

Gênesis 47:23

Na Índia Ocidental, as digressões estavam em alta. Regressámos a Buldana no início da temporada, e toda a família se juntou em digressão, bebês e tudo. Os bebês eram uma mais valia e não alteravam em muito os horários. “Um homem com uma família é mais respeitado do que um viajante sozinho”, disse o meu pai.

Fazíamos um grande aparato quando saíamos todos juntos, porque era essencial que os pregadores indianos também trouxessem as suas famílias, e atraíamos tanto a atenção das pessoas como um circo ambulante. Tudo era uma curiosidade: as nossas roupas, os utensílios de cozinha, os berços de acampamento e as pequenas cadeiras dobráveis de lona. A máquina de escrever do papá era algo de grande admiração à vista do povo indiano. Em digressão, ele escrevia os seus artigos e cartas com ajuntamentos de homens e rapazes à sua volta, admirando cada movimento dos seus dedos, encantados com o tilintar do aparelho no final de cada linha.

Além de todas as pessoas e respectivos equipamentos que compunham o acampamento, também haviam os animais, carroças e

forragem. Normalmente, eram estabelecidos quatro acampamentos em cada estação, centrando o trabalho nas zonas mais interessadas e partindo daí para as vilas circundantes.

As digressões eram um ponto alto nas nossas vidas. Viver nas tendas, muitas vezes montadas debaixo de árvores grossas com bandos de macacos *rhesus* a saltar de ramo em ramo, ou guinchando e lutando pelo melhor lugar antes de sossegarem para uma noite de tagarelice, era extremamente divertido para nós. Nunca percebemos porque é que os adultos atiravam pedras e paus aos saqueadores nocturnos.

Quando as feras cor de lama finalmente se afastavam, nós atávamos cordas às nossas cinturas, fingindo serem caudas, e subíamos às árvores e saltávamos de ramo em ramo numa imitação desajeitada. O pobre Phil era pequeno demais para subir às árvores, e costumava ficar no chão, tão triste e infeliz, com a sua cauda de corda a arrastar-se na terra.

Às vezes, acampávamos perto da água, onde podíamos chapinhar e salpicar tanto quanto quiséssemos. Certa vez, em digressão em Hatedi, a minha mãe acordou a meio da noite com uma premonição inexplicável. Na manhã seguinte, saímos todos para ver uma vaca que havia sido morta por uma pantera a cerca de 1km da nossa tenda.

As pregações nas aldeias eram obrigatórias. No frescor do dia, íamos para um lugar central; a minha mãe pressionava as teclas do pequeno órgão e toda a gente cantava. O meu pai e os pregadores indianos falavam e mostravam imagens em grandes cartões, distribuíam folhetos e vendiam pequenos trechos bíblicos. Em anos mais recentes, o meu pai tinha uma lanterna mágica<sup>23</sup>. A noite floresceria em brilho e cor enquanto as histórias familiares apareciam numa folha de cálculo, e a voz profunda do papá contava a história de Jesus e do Seu amor em marathi fluente.

Nem sempre havia uma aceitação fácil do evangelho. Na zona de Mogalai, a cerca de 48 quilómetros de Buldana, ficava a cidade de Anwa. Em 1913, alguns pregadores indianos foram visitar este território numa viagem evangelística. Ficaram em Anwa seis dias, recebidos de braços abertos e entretidos nas casas das pessoas com a melhor hospitalidade que os aldeões podiam oferecer. Estavam tão sedentos do evangelho que os homens não iam trabalhar e receber o seu salário, preferindo ficar a ouvir mais da palavra de Deus. Quando os pregadores indianos finalmente partiram, foram seguidos por mais de dois quilómetros, para lá dos limites da aldeia, pelos aldeões chorosos e tristes, implorando-lhes que voltassem.

Este grupo de pregadores regressou a Buldana com relatórios incandescentes daquela aldeia. Não foi possível enviar um missionário para Anwa imediatamente. O meu pai teve de ir para Calcutá onde ficou um ano e meio. Quando regressou, sentiu que se devia aproximar das pessoas. Pensou que, se pudesse viver com eles, comer o que comiam, e falar consigo nas suas casas, conseguiria alcançar mais pessoas.

O meu pai enrolou um turbante na sua cabeça e vestiu outros acessórios indianos; agarrou em alguns trechos bíblicos e folhetos, numa sombrinha preta, em alguns cobertores, num prato de latão e numa *lota*<sup>24</sup>, e partiu numa excursão de três semanas acompanhado por dois pregadores indianos.

Eles foram de aldeia em aldeia a pé, sentando-se no chão em volta das fogueiras à noite, olhando profundamente para o coração dos homens. Chegaram finalmente a Anwa.

“Estas são as tais pessoas que receberam calorosamente os cristãos há uns anos”, lembrou o meu pai; “talvez estejam prontos para o baptismo”.

As notícias espalham-se rapidamente na Índia, e a viagem dos três homens era comentada aqui e ali. Ao passarem pelo arco do portão, ainda antes de sequer entrarem na vila, já sentiam a hostilidade. Com mau humor e inimizade quase descarada, os aldeões recusavam-se a facilitar a vida ao Sahib que procurava as pessoas cujos os nomes lhe haviam sido indicados.

---

**Alegria porque sabia que estava no centro da vontade de Deus, no coração da Índia, saudades de casa, de ouvir uma palavra na sua língua materna, e desapontado porque os aldeões não o receberam.**

---

“Não, esse não está aqui... Esse também saiu da aldeia... Não, Sahib, não sei onde... Quando é que está previsto voltar? Ora, vá-se lá saber! Não, não temos onde possa ficar... Sim, há uma cama, aquela... E comida? Pode comprar aqueles *chapattis*<sup>25</sup> frios e um bocado de *lonsi*.”

Debaixo de uma árvore de tamarindo entre a aldeia e o rio, o papá montou acampamento entre duas carroças. Era sábado à noite e estava frio, para a Índia. Um vento forte, embora quebrado pelas mantas penduradas, tornou o seu banho muito desagradável. A cama, uma estrutura de madeira amarrada com cordas e sem colchão, era muito pequena e infestada de insectos. O *lonsi* oleoso, feito de manga verde e picante por causa das malaguetas, embrulhado no pão *chapatti* frio, era como chumbo para o seu estômago.

Um lindo Domingo amanheceu. O ar estava calmo e fresco. Lembrou o meu pai de uma manhã tardia de verão na sua infância no Canadá, e imaginou-se a ir para a escola dominical de santidade em Hartland, vestido com o seu melhor fato. E logo no topo da colina estava igreja.

Mas não havia colina, nem igreja - apenas uma parede fria e cinza e um portão fechado. Anwa, que tinha sido tão calorosa! Anwa, tão fria que até o expulsaram! Anwa, que nem lhe havia oferecido a cortesia de viajante deixando-o dormir na estalagem!

Sentou-se na cama com grande pesar pela aldeia, chorando como um bebê, desapontado, com saudades de casa e sentindo alegria ao mesmo tempo. Alegria porque sabia que estava no centro da vontade de Deus, no coração da Índia, saudades de casa, de ouvir uma palavra na sua língua materna, e desapontado porque os aldeões não o receberam. Durante algum tempo, ficou sentado a orar pelas pessoas que o tinham recusado. E finalmente surgiu a chamada, sozinha, perante os muros cinzentos e o portão fechado de Anwa.

No bolso do meu pai estava uma pequena harmônica que ele havia comprado num qualquer bazar. Procurou-a. O Espírito Santo estava tão confortavelmente perto, a chamada era tão clara. De repente, tropeçou no refrão daquela tão antiga canção,

*“E quando a batalha acabar,  
Uma coroa iremos usar  
Na nova Jerusalém”.*

Naquele instante, o tumulto morreu no seu coração e a glória do Senhor encheu o templo da sua alma. Veio sobre ele, vez após vez, em ondas de emoção. A vitória *chegaria* a Anwa; na verdade, pela fé, já ali estava. Uma e outra vez, tocando a linda melodia, lágrimas de alegria escorriam pelo seu rosto cansado. O portão daquela aldeia *estava* aberto ao evangelho - ele sabia-o!

Passaram-se semanas, meses e anos. Finalmente conseguiram pôr um pé na porta. Uma pequena igreja. E outra. E outra. Quando o

meu pai voltou para os EUA para se reformar, toda a zona de Mogalal se começou a abrir.

Jamner foi aberto no final de 1912. Havia outra missão naquela área, mas em 1910 pediram-nos para assumir o seu trabalho, se desejássemos. A Srta. Hitchens e a Srta. Nelson, em Igatpuri, estavam interessadíssimas em fazer uma digressão naquela zona.

“Tudo bem”, disse o meu pai, “eu vou ter convosco com o material de acampamento.”

Por uma questão de decoro, a minha mãe também foi e levou o bebé. Carregaram a velha carroça da missão com montanhas de bagagem e saíram na manhã de 7 de Dezembro de 1910, planeando contratar um par de bois a cada aldeia e enviando-os de volta aos seus donos quando passassem à seguinte. Era uma viagem de aproximadamente 70km. E correu tudo bem durante os primeiros três. Ainda não tinham chegado à planície quando a protecção de ferro de uma das rodas da carroça se soltou e foi parar à vala aos trambolhões. Já com uma vasta experiência neste tipo de incidentes, o meu pai sabia exactamente o que levar consigo em todas as viagens. Foi buscar o machado e, com algum jeito, martelaram a tira de ferro de volta ao lugar. Quando passaram o primeiro riacho a roda de madeira inchou o suficiente para resolver o assunto. Mas perceberam que o machado tinha ficado na estrada, tinha possivelmente escorregado, e alguém teve de o ir buscar.

Na primeira aldeia contrataram um par de bois descansados, mas cerca de um quilómetro depois um deles deitou-se no chão e recusou-se a continuar a viagem. O meu pai mandou alguém de volta à aldeia para ir buscar outro boi. Antes de chegarem à terceira aldeia, o mesmo já se tinha repetido três vezes com três bois diferentes. Ao entardecer chegaram à terceira aldeia, onde as pessoas generosamente

lhes ofereceram *chapattis* e uma *lota* de leite rico. Durante a noite, enquanto dormiam, um dos bois cambaleou até ao abrigo, desajeitadamente derrubando tudo por onde passava. O meu pai levantou-se e puxou-o para fora. Quando partiram na manhã seguinte, o tampo da velha carroça começou a deslizar num dos lados do eixo e a bater contra a roda. Ao descerem uma margem bastante íngreme, para atravessarem o riacho, um dos lados do jugo ficou preso na lama e partiu-se, e os animais libertaram-se. Seguiram-se cinco quilómetros sobre pedregulhos e buracos. A viga por cima do eixo separou-se com a tensão. Felizmente, estavam perto de uma aldeia, e um carpinteiro arranjou-a com uma vara, como se fosse um tala. Na tarde do terceiro dia, arrastaram-se para Jamner.

Eu perguntei à minha mãe como foi a viagem de regresso.

“Passámos lá o Natal”, lembrou ela. “Fui até Bhusawal de comboio e comprei alguns presentes. Eles devem ter arranjado a carroça. Não me lembro da viagem de regresso. O teu pai tinha muito jeito para arranjar coisas, sabes.”

Em 1912, a Srta. Olive Nelson foi enviada para Jamner. Com ela foi uma amiga, a Srta. Pearl Simmons, uma colaboradora independente. Olive e Pearl alugaram uma casa na cidade e começaram o trabalho evangelístico. Mal se haviam instalado na sua nova casa, quando a Srta. Simmons adoeceu de repente. No momento em que o meu pai, a minha mãe e a minha avó desembarcaram no porto em Calcutá, chegados da sua primeira licença, receberam um telegrama. “Simmons muito doente - varíola.” Pearl Simmons havia contraído a doença de um dos carroceiros durante a viagem. A varíola hemorrágica confluenta é uma doença altamente contagiosa e temida. Formam-se grandes chagas sangrentas que comem a pele e parte dos órgãos vitais do organismo.

Assim que as notícias chegaram a Buldana, o irmão Fritzlan e uma nova missionária, a Srta. Daisy Skinner, partiram para ajudar. Os três missionários fizeram o possível para ajudar Simmons, mas poucos dias depois do aparecimento das feridas a doença acabou por levá-la. O irmão Fritzlan conseguiu um pedaço de terra que pertencia ao chefe da vila, onde cavaram uma sepultura. Na Índia, com uma doença desta natureza, o enterro tinha de ser o mais rápido possível para evitar qualquer disseminação e contágio. Pearl Simmons faleceu por volta da meia-noite do dia 13 de Dezembro de 1912. Os missionários prestaram-lhe uma curta homenagem e, antes do amanhecer, ela foi enterrada. Uns meses depois, colocaram uma lápide de mármore esculpido sobre a sua campa.

Como não se podiam enviar missionários para Jamner permanentemente, a campa ficou abandonada e, com o tempo, cobriu-se de terra sem deixar vestígios. Vinte anos depois, recebeu-se notícia do pregador indiano que se estava a montar um altar sobre a campa da jovem missionária. O vento e as monções tinham revelado um dos cantos do mármore da campa e as mulheres muçulmanas que costumavam passar lá perto repararam. Escavando à volta com um pau, desencobriram a lápide com umas mensagens estranhas esculpidas numa língua que não conheciam. Estavam convictas de que era *algo* que estava a subir à terra. E começaram a adorar ali, deixando pequenas oferendas para acalmar o espírito e convencê-lo a ir embora. Alguém de Buldana foi até Jamner, limpou o resto da lápide e explicou às pessoas o que era, e o altar foi retirado<sup>26</sup>.

No Verão de 1913, o Rev. A. D. Fritzlan e Srta. Daisy Skinner casaram-se. Os dois foram até Jamner para continuar o trabalho, mas tiveram que voltar para Buldana quando o meu pai teve que ir para Calcutá.



Jamner marcava a extremidade Noroeste do nosso distrito e Mehkar estava no canto Sudeste. Em 1912, os Campbell foram para Mehkar.

Alugaram uma casinha esquelética, pouco mais do que uma cabana. Lá, nasceu-lhes uma menina; juntando-se aos três rapazes, era uma casa cheia. Mehkar era uma zona muito afectada por doenças. O seu segundo filho, um rapaz de quatro anos, morreu em 1914. Há um preço para a consagração de um missionário. Os Campbell voltaram para a América em 1915, e um pregador indiano ficou em Mehkar.

Pouco depois dos postos de Jamner e Mehkar terem sido abertos, a Primeira Guerra Mundial grassava a Europa. Os preços começaram a subir. A correspondência importante tinha de ser enviada duas e três vezes porque os navios que a levavam eram regularmente atacados por torpedos e muitos afundavam. Os cabos que atravessavam o oceano tinham sido amarrados ou completamente destruídos. A suspeita pairava sobre todos. O meu pai, de origem britânico-canadense, foi chamado para o serviço militar. Com os nossos corações apertados, ele foi até Akola para se apresentar ao serviço. Lá, o exame médico revelou que sofria de varicose e não estava apto para a infantaria; haviam, no entanto, outros postos onde poderia ser útil. Durante semanas não sabíamos qual seria o resultado. Entretanto, o governo britânico anunciou que todos os missionários britânicos deveriam ser dispensados do serviço militar. Foi-lhes pedido que regressassem às suas missões e mantivessem o país em ordem tanto quanto possível. Serviriam a sua nação desencorajando distúrbios locais, permitindo assim que o império pudesse destacar as suas tropas para outros lugares. Então, como uma erva plantada no topo de uma possível derrocada, o meu pai voltou para a missão e colocou as suas raízes de influência bem fundo e aguentou firme.

Em 1914, o Dr. Reynolds fez a sua primeira digressão mundial<sup>27</sup> nazarena e parou em Khana, no distrito de Thana a quase 100km a Nordeste de Bombaim. Nessa mesma viagem, o Dr. Reynolds tinha desenvolvido directrizes para o trabalho no Japão. E estava agora a liderar os missionários na Índia a desenvolverem directrizes idênticas para o trabalho naquele país. As directrizes criadas para o Japão e para a Índia tornaram-se a referência a ser aplicada às missões em todos os campos, adoptada pela Junta Geral de Missões no Estrangeiro. Entretanto, em 1903, a Missão Pentecostal de Nashville, sob o Rev. J. O. McClurkan, estabeleceu um trabalho frutífero. Em Khardi estavam o Rev. Roy Codding e a esposa; em Vasind, a Srta. Eva Carpenter; e em Murbad, a Srta. Jessie Basford. O Dr. Reynolds regressou aos Estados Unidos para usar sua influência com o objectivo de unir este grupo de nobres pessoas à Igreja do Nazareno. No ano seguinte, os dois grupos uniram-se, e os dois distritos da Índia tornaram-se num só em Junho de 1915. Na assembleia especial, a 21 de Julho, o Rev. Roy Codding foi escolhido como superintendente; ele disse que o seu grande desejo era que fosse uma “fusão” em vez de apenas uma união. Representantes das três seções deste novo distrito estavam presentes; Buldana, onde se conheceram; Calcutá; e Khardi.

Um dos primeiros actos depois da união foi trazer os rapazes da propriedade de Dhamandari, em Buldana, para Khardi. Mas o irmão Codding ficou seriamente doente e teve de regressar aos EUA no final de 1917.

Parece que a maioria dos missionários passou a sua vida em mudanças. Nós não éramos excepção. Quando Codding partiu, os Tracy mudaram-se para Khardi, um lugar bastante agradável. Ficava junto ao caminho de ferro e perto de Bombaim e de Igatpuri. Era um belo complexo cercado de cactos; tinha um caminho inclinado que levava

ao *bungalow* principal; havia um outro *bungalow* nas proximidades; e espaço mais do que suficiente para uma escola e outros edifícios. No recinto haviam árvores de sombra e árvores de fruto: limas, limões, mangas, bananas, papaias. Lindas trepadeiras de Rangum cresciam profusamente sobre o alpendre, balançando os cachos pendentes de flores brancas e cor de rosa. Do topo da nossa pequena colina, víamos os Gates Ocidentais, que ocupavam quase todo o horizonte à nossa volta.

Estávamos em Khardi há seis ou oito meses quando a junta das missões decidiu encerrar a escola dos rapazes. Foi um choque para o meu pai; embora a escola não mostrasse ainda os frutos que deveria, o meu pai estava a trabalhar para que o funcionamento fosse mais organizado. Quase todos os rapazes foram transferidos para Buldana, e o meu pai ficou livre para fazer evangelismo a tempo inteiro.

Não há dia nenhum, na vida de um missionário, que seja normal. Cada um traz os seus eventos inesperados. Como certo Domingo em Khardi. O dia começou com uma visita a um homem na vila que estava acamado com uma chaga infectada. O meu pai acabou por ter de ficar para o chá com a família agradecida.

Parou numa sessão de escola dominical no estábulo da vila, onde pôde ouvir os rapazes a aprenderem a oração do Senhor e sentiu-se reconfortado. Na classe dos homens, ouviu o pastor local vigorosamente explicar Tiago 1:22. Agarrando um homem que estava de cócoras no chão próximo dele, o pregador olhou para dentro dos seus ouvidos para ver se havia um buraco. “Se alguém ouvir com um ouvido e lhe sair pelo outro”, disse o pregador, “é porque tem a cabeça vazia e isso dá para ver.”

“Deus deu-nos estas coisas que se parecem com uns leques”, continuou, puxando a orelha do homem, “e também nos colocou

um engenho nas nossas cabeças para transmitir o som aos nossos cérebros”, dando-lhe um calduço. “E espera que nos lembremos e pratiquemos a Palavra que ouvimos.”

Rindo-se da demonstração, o meu pai voltou ao *bungalow* para se preparar para a reunião da tarde. Depois do culto, uma mulher pediu que lhe arrancassem dois dentes incômodos. O meu pai largou a Bíblia, foi buscar os fórceps, pediu à mulher que se sentasse no chão e arrancou-lhe os dentes rapidamente.

No culto noturno realizado no estábulo, não estava muita gente. Entretanto o meu pai descobriu que estava uma trupe de cantores na vila. Sem mais demoras, convidou-os para cantar no culto para ambas as audiências, especificando que deveriam cantar canções decentes e não aquele tipo de canções sensacionalistas que eram mais comuns. Para sua surpresa, eles cantaram um hino: “O que significa a salvação?” Encantado, o papá pediu-lhes o órgão emprestado e mandou chamar a minha mãe. Enquanto ela tocava, todos desfrutavam os belos hinos cristãos. Depois pregou para a multidão diversificada.

Há uma certa satisfação quando um missionário ganha alguém no “poço de Samaria”; quando se prega para uma congregação de um e se lhe conta tudo sobre a maravilhosa história de Jesus, a história de amor. Amor! Era um pensamento inovador para a mente hindu. Nunca antes tinham ouvido falar de um Deus que não se zanga por qualquer razão abstracta e absurda; que ouve sempre as nossas orações sem ter de ser acordado com gongos ou sinos, sem precisar de receber uma mão cheia de cereais como oferenda, como que explicando ao ídolo que estava perante uma petição!

“O amor é a maneira mais excelente”, disse o superintendente do distrito, S. J. Bhujbal, falando aos missionários na sua reunião do conselho. “A igreja indiana ama-vos. Peço-vos, missionários, que

também os amem. O amor é o elo entre Deus e o pecador. Quando o Seu amor é derramado nos nossos corações, não podemos deixar de amar. O avivamento virá através deste caminho mais excelente. A vitória será conquistada através deste grande amor.”

O amor era a vida do meu pai, a sua única mensagem ao povo indiano. Lembro-me de estar sentada perto de uma janela aberta que dava para o nosso alpendre em Khardi e ouvia o papá a falar com um homem bem velhote, que cambaleara dolorosamente para o complexo em busca de um remédio. Alguém lhe dissera que o missionário iria ajudá-lo. O papá fez o que pôde pelas feridas profundas do homem; depois, sentou-se de pernas cruzadas na esteira em frente ao homem e começou a contar-lhe gentilmente sobre Jesus e o Seu amor. “O que é que disse?”, perguntou o homem. “Não entendo. Yesu Crist? O que é que diz que Yesu Crist fará por mim?”

---

**O amor era a vida do meu pai, a sua única mensagem ao povo indiano.**

---

Pacientemente, o papá repetiu tudo de novo.

“Porque é que nunca ouvi falar desse Deus?” , tremeu ele. “Sou um homem velho; eu não entendo. Porque é que ninguém me disse mais cedo?”

“Eu não pude vir antes”, respondeu o papá com tristeza; “Mas sempre que estiver com problemas ou a morrer, clame a Yesu Crist. Lembre-se do nome, Yesu Crist.”

“Yesu Crist?” O homem tremeu quando se levantou e demorou um minuto a encontrar equilíbrio antes de descer o caminho.

“Sim. Quando estiver em apuros, clame a Yesu Crist. Yesu Crist.”

A meio caminho do portão, ele virou-se e olhou para trás.

“Yesu Mata?” , perguntou dolorosamente, e eu reconheci o nome da deusa da varíola dos Gonds, um povo dravidiano da Índia Central.

“Não, não, meu velho! *Yesu Crist, Yesu Crist, Yesu Crist!*”

E ele saiu lentamente pelo portão e desceu a estrada, murmurando: “*Yesu Crist, Yesu Crist.*”

O papá ficou algum tempo na varanda e depois, para si mesmo, disse baixinho: “Qualquer que invocar o nome do Senhor será salvo”. Talvez o encontre lá depois de tudo, meu velhote. E aí entenderá.”

Quando o papá entrou no *bungalow*, as lágrimas corriam-lhe pela sua face.

# Capítulo 8

## Mas Estava No Meu Coração Como Fogo Ardente

Jeremias 20:9

A minha avó era um gigante; uma pequena borboleta de proporções épicas. Era uma torre de ferro; era suave e gentil e consumida por compaixão pelos doentes e aflitos. Rígida em disciplina, austera, afiada, rápida, rija, atenta ao mal, rigorosa e sólida como a costa rochosa da sua Nova Inglaterra, a minha avó vivia estritamente por regras e princípios.

Às vezes ficávamos sozinhos com ela, quando éramos mais novos, e sentíamos na pele as suas correcções pertinazes. Independentemente de quantas vezes batíamos o pé ou nos zangávamos, os nossos acessos de raiva eram apagados como um fósforo mal aceso, perante o furacão que eram os seus castigos. A minha avó costurava para nós. Tratava as nossas feridas e arranhões. Contava-nos histórias sobre a sua infância em Vermont: sobre os riachos que correm pelas montanhas, sobre os teares de lã onde o seu pai era um tintureiro, e histórias sobre a sua escola rural. Nós não entendíamos muita coisa. Mas conhecíamos aquela luz nos seus belos olhos azuis; e se insistíssemos o suficiente, ela contava-nos as histórias todas outra vez,

para nosso deleite. Andávamos quase sempre descalços, mas nunca ao Domingo; ao Domingo tínhamos de carregar a nossa cruz e calçar sapatos com umas meias grossas. Ela, percebendo a nossa irritabilidade e desconforto, lia-nos histórias, entretendo-nos durante horas até que o dia terminasse e fôssemos dormir; na segunda-feira de manhã retomávamos a nossa liberdade.

A minha avó, Ella Winslow Perry, nasceu em Weathersfield, Vermont, no dia 20 de Junho de 1856. Ainda não tinha 19 anos quando se casou com Nathan Perry, um jovem ministro. E aos 28 ficou viú-

---

**Era uma torre de ferro; era suave e gentil e consumida por compaixão pelos doentes e aflitos.**

---

va, com duas crianças pequenas, quando o seu jovem marido morreu de pneumonia. Entre a morte do meu avô, e o seu funeral, a minha avó entregou-se nos braços de Deus sem reservas e foi santificada. Desde aquele momento não voltou a vacilar. A sua fé manteve-a firme durante os 17 anos em que trabalhou como costureira para educar

os seus filhos. Foi o que a susteve quando o seu filho, um jovem e talentoso professor, se afogou. Esta mesma consagração levou-a à Índia.

Um fogo de amor pelos doentes na Índia transformou-se na energia e poder da sua vida entregue a eles. Sem qualquer formação em enfermagem, ela ouvia-os atentamente, tentando perceber os detalhes do seu marathi, examinava os seus corpos, e depois retirava-se para a sua pequena cabana, onde lia livros sobre medicina e preparava os seus remédios. Com a combinação dos seus remédios e das suas orações, a maioria dos seus pacientes recuperava. De acordo com os registos que compilava anualmente para o governo, estimamos que, durante os seus anos como missionária, a minha avó ministrou a quase 10 mil pessoas diferentes.



Eu tenho um álbum de imagens mentais da minha avó que é qualquer coisa de especial. Algumas foram-me passadas pelo meu pai e pela minha mãe, mas de outras recordo-me vivamente: certa vez quando foi ao seu armário apanhar uma blusa que tinha caído no chão e pôs mão no torso de uma cobra que estava a dormir; e de outra quando tentou atravessar um pequeno riacho pelas pedrinhas, mas perdeu o equilíbrio e caiu, para seu desgosto e para nosso deleite; e de quando encheu almofadas com a penugem sedosa da árvore sumáuma; de cozinhar, costurar e de fazer gelatina de cálices de roselle; de a ver, americana convicta, ir buscar o seu velho livro de receitas com a gloriosa bandeira dos EUA na capa, e colocá-lo na ombreira da porta porque era dia 4 de Julho (dia da independência dos EUA) e não tínhamos bandeira para celebrar.

A minha avó costumava ir connosco em digressão; levava os seus remédios e unguentos e distribuía-os por onde passasse. O meu pai costumava brincar e dizer que ela, com os seus comprimidos de quinino e óleo de rícino, chegou a mais gente com potencial cristão do que ele, com os seus folhetos e pregações.

Morávamos em Khardi, no distrito de Thana, perto de Bombaim, durante os últimos dias da vida da minha avó - as únicas pessoas brancas da cidade. Ela, acabada de fazer 62 anos, parecia estar a amadurecer para o céu. O calor terrível incomodava-a muito; depois vieram as chuvas, a estação fria e o Natal. Foi por essa altura que eu e o Phil apanhámos varicela. O Phil já se tinha recuperado e eu estava a melhorar bastante quando o meu pai e a minha mãe decidiram ir a Bombaim em negócios, levando os meus irmãos com eles. O *bungalow* ficou demasiado silencioso e solitário quando eles partiram e eu comecei a chorar. A minha avó tirou-me a temperatura, perguntou-me como me sentia e disse: “Queres tentar

apanhá-los e ir com eles a Bombaim? Acho que ainda os apanhamos se nos apressarmos.”

Apressá-mo-nos e chegámos à estação estava o comboio a entrar na plataforma; o resto da família ficou surpresa por nos ver e isso, para mim, fez a viagem. Fomos às compras, comemos num bom restaurante e voltámos para casa cansados mas muito felizes.

Foi nessa viagem que a minha avó contraiu a cólera asiática, que estava a chegar ao ponto de ser epidemia na cidade. Claro que não o sabíamos, naquele momento. Mas pouco tempo depois ela come-

---

### **Havia um misto de gratidão, alegria e lágrimas (...)**

---

çou a sentir-se mal e enquanto descansava apareceu um homem da vila à procura de remédios. Ela levantou-se e foi à porta para lhes entregar; mas ao estender a mão, caiu aos seus pés num desmaio. Eu e a Martha vimo-la a cair e fomos a correr chamar ajuda. O meu pai e a minha mãe vieram logo de seguida, levantaram-na e deitaram-na novamente na cama.

Os sintomas da cólera evoluíram rapidamente. Os meus pais fizeram o melhor que sabiam, seguindo as instruções dos livros de medicina e atenuando o seu sofrimento na medida do possível. Quando percebeu que estava na hora de partir, a minha avó pediu para ser enterrada na encosta por trás do *bungalow*, “como os indianos”. O corpo teria de ser envolto num lençol e colocado numa cova crua e sem forro.

“Não”, disse o papá, “vamos levá-la para Igatpuri”. Ela pareceu ficar satisfeita. Ela falou muito sobre Jesus, o seu amigo, antecipando a alegria de O ver. Às oito da noite daquele dia, apenas 28 horas depois de ter caído aos pés do indiano, a avó foi ao encontro do seu amigo.

Havia um misto de gratidão, alegria e lágrimas enquanto os meus pais lavavam e vestiam aquele corpo tão frágil: gratidão e alegria porque ela já estava do outro lado, lágrimas, por não poder ficar connosco mais tempo. Ternamente, colocaram-na no único transporte possível, uma porta velha, agora embrulhada em lençóis. Nós, crianças, usávamo-la para escorregar colina a baixo nas nossas brincadeiras. Era a nossa porta; e ficámos gratos por ter algo para dar à nossa avó. Os meus pais lavaram e desinfetaram todo o quarto; as suas roupas, os lençóis e o colchão foram queimados e enterrados.

“Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor” (Ap. 14:13). A minha avó tinha lido este versículo na nossa última reunião familiar. “Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor”, Repetiu o papá, sufocado pelas lágrimas que corriam no seu rosto. Depois, com palavras de esperança e alegria, falou-nos sobre o glorioso cumprimento de uma vida consagrada totalmente ao serviço do seu Mestre. E orou - uma oração quebrada, quase sem palavras que pairou ao nosso redor, como um doce e curativo bálsamo, uma fragrância penetrando profundamente nos nossos corações feridos e vazios.

Quando o nosso culto terminou, o papá e um dos jovens pregadores colocaram o corpo na tonga e levaram-na até Iगतपुरी; nós os três e a mamã seguimos de comboio. Já na casa missionária, fizemos outro culto e um grupo de amigos cristãos seguiram o carro de mão onde estava o corpo até ao cemitério da Igreja de Inglaterra.

Há uma árvore que cresce ao lado do túmulo da minha avó. É um árvore de Jasmim, a árvore do templo. Mas gosto particularmente do nome que o povo do Ceilão (actual Sri Lanka) lhe dá: a árvore da vida, porque explodirá de folhas e flores mesmo que seja arrancada da terra - um emblema da imortalidade. Apenas não dá flor

durante algumas semanas da estação quente. Durante o resto do ano dá flores continuamente, espalhando as suas longas e estreitas folhas e cobrindo a sua campã de flores esbranquiçadas como se fossem pétalas de magnólias. E ali ficam, um manto de beleza e fragrância fresca, mantendo a sua vida e o seu cheiro suave por mais tempo do que qualquer outra flor conhecida - até ao dia em que a minha avó não precise mais daquela campã e responda ao estrondoso som das trombetas para se encontrar com o seu Senhor nos céus.

Há momentos na vida de todos os servos de Deus em que o zelo pelo serviço cristão, a paixão pelas almas, e a chamada se tornam um combinação de intensidade ardente. Mas o corpo não consegue acompanhar o ritmo; deve retirar-se por um tempo - ter uma folga. Para alguns, este período é uma tortura; querem voltar ao campo o mais rapidamente possível. Não se conseguem adaptar à sua terra natal. Ficaram fora durante tanto tempo que a sua terra está cheia de estranhos.

Para outros, a folga, ou a licença, é uma verdadeira aventura. O papá mergulhou de cabeça na sua segunda licença. É verdade que havia uma forte sensação de solidão - ninguém nos foi esperar ao pontão. Mas a névoa da baía levantou-se de repente, e os sinos de uma centena de igrejas deram as boas-vindas ao navio ao passar o estreito - era Domingo. Desembarcámos em São Francisco.

Era um mundo estranho para todos nós. “Garagens!” Exclamou o meu pai ao observar as ruas pela janela do comboio. “O que é uma garagem?”

O crescimento gradual pode parecer abrupto quando alguém é atirado para um mundo que, de repente, está no futuro.

Para nós, crianças, tudo era bizarro, como se usássemos óculos de ilusão. Dinheiro - eu tinha medo do dinheiro. O que eram dólares

e moedas de 25, 10 e 5 centavos! As pessoas na rua paravam a olhar para nós, talvez por causa das nossas estranhas roupas, ou por causa da nossa coloração amarela de tanta quinina e malária. Riam-se alto dos nossos sotaques estranhos. Na escola, os nossos colegas irritavam-nos de propósito para que nos enervássemos e começássemos a protestar em marathi, o que era pura diversão para eles. Sentíamos-nos como insectos empalados na ponta de um alfinete, numa luta constante.

O meu pai fez o trabalho de visitação das igreja quase sempre sozinho ou com outro missionário. O que nos deixou contentes. Nós não gostávamos de nos sentar na plataforma ou nos lugares da frente, vestidos em trajes, como se fôssemos bezerros em exibição numa qualquer feira local.

Durante cerca de 8 meses o meu pai viajou pelo país, falando sobre a Índia. Depois aceitou a posição de pastor que lhe havia sido oferecida em Burns, Oregon. “Senti que precisava de trazer a minha família para um clima mais frio, para lhes espessar o sangue”, escreveu ele a um amigo. E nisso, claramente foi bem sucedido. Naqueles dois invernos, o termómetro andou nos  $-20^{\circ}\text{C}$ , chegando aos  $-40^{\circ}\text{C}$  em alguns momentos. A neve cobria o chão em pelo menos 70cm.

Foram dois anos de uma adaptação, americanização e ajuste maravilhosos. Mas a educação era a paixão do meu pai. Ele perdera a oportunidade de estudar quando era mais novo e havia tanto que ainda queria aprender. Na Índia, comprava livros sobre o país, sobre as colheitas, o progresso missionário, a filosofia oriental, religiões, música e outras áreas. Na América, escreveu ao Dr. H. Orton Wiley, presidente da Northwest Nazarene College em Nampa, Idaho; mas lá não havia emprego, nenhum meio para sustentar a família.

Enquanto pastoreava em Burns, o meu pai inscreveu-se num curso por correspondência. Era bom, mas não o suficiente. E então

a faculdade chamou-o; precisavam de um director para o instituto. Mudámo-nos para Nampa num Dodge, um carro velho de 1919; além de exercer o cargo de director, o meu pai ensinava ciências gerais e a minha mãe dava aulas de inglês.

O meu pai construiu-nos uma casa perto da faculdade naquele primeiro verão. Quando terminou a garagem, mudámo-nos para lá. Depois, quando terminou a cave, mudámo-nos para lá. Finalmente a casa estava quase pronta para uma mudança final. Lembro-me de fazermos conservas para o Inverno. Tudo o que fosse barato era colocado em frascos de vidro.

Frequentávamos todos a escola. O objectivo principal da nossa estadia em Nampa era a educação do papá. Como não tinha terminado o ensino secundário, não tinha diploma. Os créditos obtidos no instituto pentecostal não lhe serviam de nada. A junta da faculdade chamou-o. Línguas? Não sabia grego nem latim, porque tinha estudado sânscrito com um *pundit*<sup>28</sup> indiano; não sabia francês nem espanhol, mas o marathi saía-lhe fluentemente e tinha algum conhecimento de bengali e um pouco de hindustani. Ótimo! Eles analisaram a lista de requisitos, fizeram-lhe um ou dois exames orais e deram-lhe equivalência a dois anos de faculdade. A minha mãe tinha terminado o ensino secundário e o primeiro ano na Universidade de Vermont. Portanto deram-lhe mais um ano de faculdade e ambos se inscreveram no terceiro ano.

Os salários começavam e paravam com o ano lectivo. No verão, estávamos por nossa conta. Formámos uma equipa e fomos para a apanha da fruta. Havia pomares de cerejas em Idaho; depois, em Washington, haviam pêssegos, pêras, ameixas e maçãs; e uma vez, quando não havia mais nada, colhemos lúpulo. Montávamos as nossas tendas nos pomares e todos trabalhávamos. Nós

fazíamos qualquer coisa para podermos ter dinheiro para ir para a escola!

Para o meu pai, a recompensa estava na sala de aula. Sentar-se aos pés do grande teólogo H. Orton Wiley foi o culminar de anos de anseios escolásticos. Havendo a possibilidade, ele frequentou todas as aulas ministradas por Wiley.

Em Junho de 1924, foram entregues aos Tracy três diplomas. Foi num dia de gala, com as capas os vestidos e os chapéus a rigor, que os meus pais receberam o seu diploma de bacharelato. No mesmo dia, a minha irmã, Martha, graduou-se do instituto. Ficámos mais um ano em Nampa; depois, o desejo de mais educação levou-nos para Este. Viajando no velho Dodge, acampámos em tendas por todo o país durante o verão, porque o meu pai havia programado reuniões missionárias. Terminámos a nossa longa jornada em frente ao pórtico da Eastern Nazarene College, em Wollaston, Massachusetts. Ali inclinámos as nossas cabeças, o meu pai agradeceu a Deus por termos chegado em segurança, e confiou as suas filhas ao cuidado divino. Saímos do carro e, na entrada de gravilha, dividimos a nossa bagagem; eu e a Martha estávamos inscritas e íamos começar o ano de estudos, mas os meus pais e o Phil continuariam a sua viagem. Depois deste dia, e excepto em algumas férias de verão, não voltámos a viver juntos enquanto família unida.

A Kennedy School of Missions<sup>29</sup> é uma grande filial da Hartford Seminary Foundation, e para Connecticut lá foram os meus pais com o Phil. Os meus pais conquistaram os seus mestrados, obtendo formação formal em missões e finalmente se sentiram preparados para dar o melhor de si ao serviço do Mestre na Índia. Mas houve um atraso. Enquanto esperava, durante três anos, o meu pai pastoreou a Igreja do Nazareno de Binghamton, em Nova York.

No dia 7 de Dezembro de 1929, partiram novamente. A mesma igreja que os havia enviado e acolhido de volta muitos anos antes, estava novamente a dizer-lhes adeus. E eu não acreditava que estávamos a passar pelo mesmo outra vez.

As pessoas moviam-se à nossa volta, prometendo orações, ajuda, estadias e visitas. Mas o poço da minha autocomiseração era profundo. Esta não era a *minha* chamada, a *minha* consagração, *o meu* sacrifício - ou era? A multidão afastou-se para dar uns momentos à nossa família.

E fomos até ao camarote. O meu pai orou, baixinho, não muito mais do que um sussurro destroçado, entregando-nos novamente ao cuidado de Deus. Ele e a minha mãe abraçaram-nos com força uma última vez; os gongos tocaram intensamente, empurrando-nos para fora do camarote com o seu barulho, até que nos varreram, muito contra a nossa vontade, de volta ao cais.

Ficámos parados, atordoados, vagamente cientes de que o navio se estava a afastar, acenando mecanicamente, até só vermos uma mancha à distância. Durante alguns minutos sentimos a falta do Phil, mas encontrámo-lo do outro lado do pontão, de olhar fixo no horizonte; o Phil era apenas um adolescente, precisava tanto do seu pai.

Nos dias seguintes, os jornais estavam cheios de notícias sobre tempestades no Oceano Atlântico, mas as primeiras notícias que nos chegaram foram através de cabograma: a travessia tinha sido suave e esperavam passar o Natal em Londres.

Dá-se crédito ao tempo por sarar todos os males e, de certa forma, é mesmo assim. Nós mudámos o padrão das nossas vidas. Ocupámo-nos com outras coisas. A única família presente nas nossas graduações éramos nós próprios. Conseguimos trabalho durante a Grande Depressão. E o tempo acabou por nos trazer a percepção



de que esta *era* a nossa chamada, certamente a nossa consagração e sacrifício. Ajudámos os nossos pais no passado e não os iríamos deixar ficar mal agora. O trabalho na Índia estava sempre em primeiro lugar, e continuava a ter prioridade máxima.

Com a resiliência da juventude, enxugámos as lágrimas dos nossos corações, escrevemos longas e alegres cartas, enviámos pequenas encomendas e fotos, e demos o nosso melhor, esperando pelo momento em que voltariam a casa, a casa, para junto de nós.

Durante a sua longa estadia nos EUA, muita coisa tinha mudado na Índia. Em apenas um período de dois anos foram enviados 17 novos missionários. Alguns ficaram por curtos períodos e regressaram a casa. A Srta. Viola Willison morreu. O Dr. H. F. Reynolds visitou novamente a Índia em 1921, e o Dr. George Sharpe, da Escócia, nomeado superintendente missionário, visitou a Índia duas vezes antes de o escritório ser descontinuado por falta de financiamento. Os Coddington, os Franklin e os Fritzlan voltaram das suas licenças. Em pouco tempo, a saúde do irmão Coddington falhou e a família teve de regressar aos EUA. Eva Carpenter e Jessie Basford partiram em 1920.

Havia uma mudança constante de missionários para colmatar as necessidades dos complexos desocupados.

Num trágico acidente de automóvel, a 22 de Novembro de 1928, a Sra. Fritzlan foi gravemente ferida, e perdeu o seu bebé, Horace. Passaram um ano em Londres, em terapia, mas a Sra. Fritzlan não recuperou a mobilidade completa do seu braço direito. No total, deram 21 anos de serviço à Índia, até que finalmente regressaram a casa.

Em 1919, o irmão Fritzlan e o meu pai tinham feito algumas reuniões junto à fronteira Mogalai, onde alguns membros de uma casta de ladrões haviam sido salvos. Ser ladrão, para eles, era hereditário e uma profissão honrosa. Era o seu único negócio. Enquanto o meu

pai esteve nos EUA em licença, o irmão Fritzlan tinha continuado o trabalho com eles.

Um dia, ele olhou pela janela da sua casa em Buldana e viu vários prisioneiros algemados a serem levados pela polícia para a prisão ao fundo da estrada. Ele ficou muito surpreso ao ver alguns dos seus novos convertidos naquele grupo. E foi investigar. A polícia informou-o de que havia sido cometido um assalto junto à sua aldeia e que aqueles homens tinham sido presos apenas por princípio, dado o seu passado.

“Sahib”, disse a polícia, “estamos cansados destes homens. Não podemos fazer nada com eles. Têm trazido problemas constantes ao longo dos anos. Enchem as nossas prisões. Não são do bem. Agora dizem que se tornaram cristãos e que já não roubam. Sahib, se isto é verdade, entregamo-los a si. Se voltarem a roubar, a responsabilidade será sua. São seus.”

Tão grande era a fé do missionário na obra da graça realizada nos corações daqueles homens, que não apenas assumiu o risco e a responsabilidade pelo seu comportamento, como também lhes ofereceu estadia no complexo da missão e lhes ensinou ofícios honestos. A polícia passava pelo complexo duas vezes por noite, chamando-os a apresentarem-se. E continuaram a fazê-lo durante mais de um ano, até se convencerem de que os homens se tinham tornado cristãos genuínos. Estes homens permaneceram fiéis a Deus por mais de 30 anos (segundo a última contagem). Nenhum deles voltou à ocupação anterior.

Durante a viagem de regresso à Índia, o meu pai já estava a pensar no trabalho que o esperava. As suas notas daquela altura revelam os seus pensamentos:

Encorajar um espírito de oração.

Incentivar um sentimento de responsabilidade em pastores e igrejas.

Encorajar o canto espiritual, usando a música indiana.

Desenvolver encontros e convenções campais.

Desenvolver tradução e publicação de literatura de santidade.

Edifícios hospitalares e escolares.

Descobrir como conseguir mais com menos dinheiro.

Estudar a vida das pessoas.

Não fossilizar.

O meu pai sentia que era o momento de avançar e construir, começar a preparar o estabelecimento da igreja.



# Capítulo 9

## Os Meus Olhos Procurarão Os Fiéis da Terra

Salmo 101:6

A 29 de Outubro de 1929, deu-se a queda de Wall Street, e a depressão cobriu o mundo como uma tempestade de gelo paralisante. Da noite para o dia, as contas foram congeladas, fortunas desapareceram e os bancos fecharam as portas de vez. As garantias desapareceram, as organizações foram arruinadas e milhões de pessoas ficaram na pobreza e totalmente destituídas. A maioria das igrejas sofreu danos críticos, embora conseguindo sobreviver, mas muitos dos seus empreendimentos missionários morreram.

Os meus pais, tal como programado, partiram 39 dias depois da queda. Os efeitos incapacitantes da recessão, as rescisões e as ordens de regresso começaram pouco depois da sua chegada. A junta reuniu-se em Janeiro e elegeu o meu pai como superintendente, apesar dos seus protestos. A reunião foi presidida pelos superintendentes gerais Goodwin e Williams. As notícias eram definitivamente alarmantes. O dinheiro para a missão estava a escassear; as pessoas não tinham dinheiro para dar. Parecia impossível manter o que os campos missionários já tinham. As várias instituições estavam a consolidar os seus esforços.

E a junta decidiu. O distrito de Thana teria que fechar imediatamente. Os McKay deveriam voltar de Khardi e a Srta. Mellies e a Srta. Muse de Murbad, e todos ficariam temporariamente em Buldana. As escolas tentariam continuar o trabalho com serviços mínimos. Os rapazes ficariam na quinta e as raparigas continuariam na escola Metodista Independente.

No lado de Kishorganj, restavam apenas 3 missionários dos 13 enviados. A fome, os terremotos e as crises políticas prejudicaram em muito o trabalho missionário. No entanto, a missão de Kishorganj mostrava mais ganhos do que qualquer outra. A junta de superintendentes gerais concordou em permitir um ano de teste; mas quando os meus pais chegaram à Índia a depressão já se fazia sentir tão profundamente que chegou ordem para encerrar todos os trabalhos e levar todos os bens para Buldana.

No dia 1 de Março de 1931, os meus pais despediram-se dos Franklin e da Srta. Varnedoe, no pontão de Calcutá, e voltaram para concluir os detalhes legais da propriedade.

No meio do processo de encerramento dos trabalhos, a Srta. Muse adoeceu. Os missionários mandaram chamar uma ambulância e uma enfermeira do hospital em Bombaim. A enfermeira entrou no quarto de Eltie Muse, e com apenas um olhar disse: “Varíola”.

A equipa do hospital trabalhou incansavelmente para tentar salvar Eltie, mas era o pior tipo daquela doença repugnante - o mesmo que havia tirado a vida a Pearl Simmons uns anos antes. No dia 16 de Março de 1930, ela morreu. Apenas quatro missionários estiveram presentes no seu funeral; Eltie Muse foi enterrada num cemitério europeu em Bombaim. A Srta. Amanda Mellies ajudou os meus pais a organizarem os bens de Eltie. Quando o testamento foi legitimado,

o meu pai, enquanto superintendente, recebeu um belo exemplar de um Ford A de 1929 para usar no trabalho missionário.

Ele ficou radiante. Era o seu primeiro carro na Índia. Durante os 10 anos que estive na América, as coisas mudaram de tal forma que quase ninguém usava tongas ou carros de bois. O Ford quase que voava pelo distrito nas suas rodas de gasolina. O meu pai levava sempre uma picareta, uma pá e um rapaz; era o equipamento padrão para nivelar a superfície da estrada ou remover pedras para que o carro passasse sem sobressaltos.

Escola! Desde o início de sua carreira como missionário, em 1904, o meu pai sonhava em ter uma educação completa e, da mesma forma, sonhava em providenciar a mesma educação aos rapazes e raparigas indianos. Quando o missionário sénior o designou como director da escola, o meu pai ficou emocionado. Foi uma desilusão amarga quando o pessoal sénior partiu abruptamente e levou as crianças consigo. Algumas das crianças regressaram com o passar dos anos, o que lhe trouxe algum consolo.

Passaram muitos anos até que o sonho de ter uma escola pudesse ser realizado novamente. Finalmente abriram uma pequena escola para rapazes; e à medida que a comunidade cristã crescia, era óbvia a necessidade de uma escola para raparigas.

No início, o pequeno grupo de raparigas tinha as aulas onde houvesse espaço: na capela, na casa dos missionários, ou em qualquer sala que estivesse livre, às vezes até mesmo de baixo de uma árvore. Depois passaram a estar internas na escola Metodista Independente. Mas esta, acabou por pedir aos nazarenos que transferissem as raparigas para outra escola, por precisarem de vagas para os seus estudantes. Tal era a necessidade que foi adquirida uma propriedade com o pouco dinheiro conseguido através do orçamento geral<sup>30</sup> da igreja. Em

Outubro de 1930 começaram as obras de construção da escola e por volta de 1932 a escola abriu ainda inacabada.

Os ocidentais mal conseguem perceber o esforço necessário para a construção de um edifício na Índia. Uma empresa de arquitetos em Bombaim fez os desenhos preliminares para a escola, mas estavam a 480 quilómetros de distância de comboio, mais 70 de carro. A primeira coisa a ser feita no local era erguer abrigos temporários, de esteiras de bambu e pés de milho, para os operários e suas famílias. Depois, seria necessário construir dois carros com barris de ferro para transportar água. O meu pai comprou um livro em Bombaim, onde aprendeu a construir três tanques de cimento reforçado para manter a água durante a construção. Os tanques foram construídos em Buldana e transportados mais de 20 quilómetros para Chikhli. A madeira era cortada na selva e trazida para ser serrada dentro da propriedade. O mesmo acontecia com a pedra, que era trazida para ser esculpida à mão. As pedras para a estrada eram lascadas à mão com pequenas marretas, amontoadas na fundação e calçadas no chão. Eram recolhidas nos campos e riachos em redor pequenas pedras calcárias, que depois eram entregues e colocadas num forno, misturadas com areia e água, e transformadas em argamassa por dois moinhos operados por bois, construídos exclusivamente para aquele propósito.

Finalmente foi concluída a construção daquele edifício em forma de U, adequado às necessidades, ao clima e ao país. Foi construída ainda uma casa para os missionários responsáveis pela escola; e também escavaram um poço. Durante duas estações quentes, os meus pais acompanharam a construção da escola. Quando em 1931 foram a Darjeeling na estação das chuvas, receberam um telegrama exultante do rev. John McKay, com apenas três palavras: “Água, água, água!”



No dia 6 de Julho de 1932 a escola foi dedicada. Os meus pais, exaustos dos longos meses de supervisão, não estavam presentes. Estavam em Ootacamund, numas merecidas férias. Mas o meu pai falou no culto, quando regressaram.

Seria maravilhoso poder dizer que, a partir de então, o crescimento e os ganhos do trabalho na Índia se mantiveram estáveis e firmes. No entanto, a verdade desagradável é que dois anos após o edifício ter sido concluído com muito sacrifício, a escola foi encerrada. Assim como todas as outras escolas; e alguns pastores foram dispensados. A queda do dólar esgotou os fundos missionários.

Estas medidas drásticas duraram apenas um ano. Foram enviados vários apelos, a igreja na América juntou-se em protesto e com muito sacrifício levantou os fundos para que, em Julho de 1935, as escolas voltassem a abrir.

Não há nenhuma igreja organizada que não tenha os seus próprios problemas. A igreja em Hatedi tinha um problema peculiar. O seu primeiro convertido, Babaji, estava a fazer um excelente trabalho indo ministrar porta a porta nas redondezas da vila e já tinha até um pequeno grupo de cristãos. Naquela vila tínhamos amigos, mas também inimigos. Ninguém estava disposto a alugar uma casa a Babaji onde ele pudesse morar. O meu pai comprou o

---

**Seria maravilhoso poder dizer que, a partir de então, o crescimento e os ganhos do trabalho na Índia se mantiveram estáveis e firmes. No entanto, (...)**

---

único terreno com poço de toda a vila, a um senhor que vivia numa outra vila a cinco quilómetros de distância. Todo o processo foi feito em segredo para que as vozes da oposição não o convencessem a mudar de ideias. Alguns dias depois, quando o meu pai se dirigiu ao

terreno para começar a fazer planos para erguer uma casa, o chefe da vila e os seus amigos vieram ter com ele e disseram-lhe que o irmão do vendedor era o proprietário da porção do terreno virada para a estrada. Sabendo que estes casos tendiam a evoluir, o meu pai aceitou a palavra daqueles homens; mas o “irmão” não existia e portanto nunca apareceu. Ao constatar isto, o meu pai percebeu que era aldrabice e decidiu avançar. Colocando as estacas na terra e traçando linhas entre elas, ele declarou que aquela propriedade era nossa e que poríamos cercas naquelas linhas. Se alguém quisesse apresentar queixa, poderia fazê-lo ao tribunal, e o assunto resolver-se-ia assim. O chefe e os aldeões andavam por ali. Pegando na sua câmara fotográfica, o meu pai tirou-lhes uma fotografia e disse-lhes que se houvesse algum problema, todos eles seriam chamados a ser testemunhas; e não valia dizerem que não estavam presentes, porque a fotografia era a prova de que estavam. Um murmúrio de consternação percorreu a multidão e o “irmão” continuou sem aparecer. A casa foi construída, o pregador trabalhava fielmente naquela área e muitos foram convertidos. O chefe da vila e alguns dos seus amigos tornaram-se bons amigos do meu pai, com o passar dos anos.

O problema da igreja no Manubai começou por ser externo, mas, desenvolveu-se, mais tarde, em conflitos internos.

A casta dominava todos os aspectos da vida dos hindus naquela altura. Antes de se converterem, o grupo, que era agora formado por cristãos, costumava tirar água de uma nascente ali perto; quando a nascente secou durante a estação seca logo após a sua conversão, os cristãos foram naturalmente os culpados. “Vocês dizem que o vosso Jesus está vivo”, gritava o povo da casta enquanto os cristãos iam a outro poço buscar água; “Peçam-lhe água a ele”. E tiravam pouquíssima água para dar aos cristãos. Mas a sugestão sarcástica destes homens

até era uma boa ideia. Havia um espaço aberto imediatamente à frente das suas cabanas. O chão estava rachado e seco pelo calor intenso, mas as pessoas juntaram-se ali, ajoelharam-se, e pediram a Deus, no nome de Jesus, que lhes desse água. E começaram a escavar um poço.

A mais ou menos dois metros de profundidade bateram em rocha e apelaram à missão que lhes fornecesse pólvora. Foi-lhes enviado um hindu entendido em explosões juntamente com a pólvora para supervisionar o trabalho. A cada poucos centímetros ele parava e pedia para se sacrificar um coco aos seus deuses. E ficava sentado à espera, enquanto os cristãos continuavam o seu trabalho, até que finalmente se juntava a eles. Certa noite, ao arrumarem as ferramentas, a rocha parecia estar húmida. Os homens colocaram um trapo na racha e, na manhã seguinte quando voltaram ao trabalho, o trapo estava molhado. O hindu, entusiasmado, não queria voltar para o poço até que uma cobra fosse sacrificada.

Como antes, os cristãos desceram e começaram a trabalhar sem ele. E ele, meio trémulo, acabou por se juntar aos restantes. Uns dias depois o poço já tinha 4,5m de profundidade. Explodiram mais uma carga de pólvora e a água começou a jorrar com tanta força que tiveram de se apressar a retirar as ferramentas e tralhas para fora do poço. Construíram uma parede desde a rocha até à superfície, fizeram um murete à volta do poço e aquela vila nunca viu melhor qualidade de água. O poço é um monumento ao facto de que Jesus Cristo vive e responde às orações de fé. Aquele poço nunca secou, nem na seca mais severa.

Este grupo de cristãos criou o hábito de se reunirem para orar no centro da sua parte da vila todas as manhãs antes de irem trabalhar. Este hábito perdurou durante bastante tempo; até que um dos membros entrou em desarmonia com os restantes e criou uma confusão

tão grande que praticamente todos eles se envolveram. Muitos estavam a ponto de desistir da sua fé. Em desespero, uma delegação veio a Buldana, a 50 quilómetros de distância, pedindo ao meu pai que fosse a Manubai e resolvesse o problema por eles. O meu pai enviou a delegação de volta com instruções de como resolver o assunto, mas eles não estavam preparados para ouvir os seus conselhos. Foi enviada uma segunda mensagem, perguntando se poderiam ir eles a Buldana, uma vez que ele estava demasiado ocupado para se deslocar.

“Sim”, respondeu o meu pai, “eu posso ouvir-vos, mas devem seguir todas as minhas instruções.

Todos os que estão envolvidos no assunto devem vir. Quando estiverem prontos a partir, devem reunir-se para orar e todos, sem excepção, devem orar. A cada 5km, devem sair dos carros e juntarem-se para orar outra vez; repito, todos, sem excepção, devem orar. Quando chegarem, se tiverem cumprido estas condições, eu oiço-vos e faço o meu julgamento.”

Os cristãos de Manubai concordaram com as condições impostas pelo missionário. Mas não chegaram a Buldana. Ainda antes do primeiro momento de oração terminar já tinham posto de lado as suas divergências e as suas feridas estavam saradas.

Os nossos pastores estavam à poucos anos afastados do peso da tradição e da história pagã passada por gerações. Com o passar do tempo, alguns começaram a sentir que a missão estava a favorecer uns em detrimento de outros; a antiga casta a que cada um deles tinha pertencido, tinha um papel importante no ressentimento e rancor que se estava a sentir.

Os missionários sabiam que havia algum tipo de bloqueio ao avivamento tão esperado. A unidade e comunhão tão necessárias entre os pregadores de um distrito unido não existiam. Mas todos foram

apanhados de surpresa quando, no meio de assuntos distritais, as leves insinuações deram lugar a acusações descaradas, disparadas como que relâmpagos de um lado para o outro da sala. Algumas eram justificadas; outras não.

O meu pai estava a presidir à reunião enquanto superintendente distrital; assim que recuperou do choque inicial decretou uma pausa prolongada e alterou a ordem de trabalhos da reunião. Era o momento de tirar os esqueletos do armário e limpar os corações do que não devia lá estar. Todos teriam oportunidade de falar tanto quanto quisessem; não era permitido repetir algo que já tivesse sido mencionado a menos que houvesse algo a acrescentar. Isto continuaria até que não houvesse mais nada a dizer. Pedindo aos que sabiam escrever para fazer anotações e instruindo a secretária a fazer uma acta exaustiva, o meu pai fez um registo completo de tudo o que foi dito; os outros missionários também.

As acusações mantiveram-se durante três dias. Todas as manhãs o meu pai ou outro missionário dava uma breve palavra, explicando que as divergências na igreja não eram uma novidade. A igreja cristã primitiva tinha muitas divergências vitais a serem resolvidas. Na manhã do quarto dia, todos ficaram em silêncio. Não havia nada mais a acrescentar.

O meu pai declarou um intervalo e informou-os da hora a que se reuniriam novamente. E foi à procura de um arame, a partir do qual fez um cesto largo. Na noite anterior, enquanto orava, o meu pai recebeu a sua inspiração divina. Ele colocou o cesto no chão de pedra da igreja em frente ao altar.

“Está tudo limpo”, disse ele em essência. “Tudo o que estava nos vossos corações saiu cá para fora. Está no papel. Está nas notas que foram tirando. Está nas notas que eu próprio escrevi. O registo de tudo

está na acta que a secretária redigiu. Está tudo aqui. Para aqueles que não sabem escrever e não fizeram anotações, tenho aqui papel para vocês. Representa tudo o que ouviram e disseram nos últimos dias. Estas anotações e este papel representam os anos em que a mágoa e o ressentimento cresceram nos vossos corações. Eis a minha consideração. Entrego tudo perante Deus no Seu altar ao colocar os meus registos neste cesto. A secretária também colocará aqui a acta completa. Agora venham, todos vocês, vamos colocar todo este mal nas mãos de Deus.”

Solenemente, em silêncio, com os rostos tensos, eles marcharam em fila indiana e colocaram os papéis no cesto diante do altar e permaneceram de pé, encostados às paredes, formando um círculo com o altar no centro.

“Nós não queremos mais isto”, disse o meu pai num misto de pregação e oração. “Deixámos tudo no Teu altar, Ó Deus, para que seja purgado dos nossos corações. Que o Teu Espírito Santo queime esta maldade das nossas almas e que possamos ser um, soldados, fundidos, unidos em Ti para limpar o caminho para o avivamento e para espalhar o Teu Evangelho.”

Os olhos de todos estavam postos no superintendente Tracy Sahib enquanto ele se dirigiu ao cesto com um fósforo na mão; depois de atear fogo ao monte de papéis, afastou-se e juntou-se ao círculo. As labaredas cresciam e cresciam, o silêncio impôs-se, apenas se ouvia a respiração de cada um e o trepidar das chamas. As suas acusações estavam a desvanecer, as suas divergências subiam com o fumo; os seus maus pensamentos, as amarguras entre si - tudo estava a ser limpo no refinar do fogo do amor e da unidade e do perdão; e os registos estavam a ser reduzidos a cinzas, para que não mais pairassem sobre eles.

Quando a última chama trepidou e morreu, aquelas pessoas, tensas, de mãos dadas num círculo unido, cantaram: “Bendito seja o nó

que amarra / Os nossos corações em amor cristão.” Cantaram vez após vez, os seus rostos brilhando com a alegria e a felicidade de Deus.

Como num vulcão, o veneno profundo foi puxado e expelido para fora e, pela primeira vez, a Igreja do Nazareno da Índia permaneceu unida, pronta para que o avivamento fosse derramado sobre todos.

As sementes dos anos de digressão consolidaram-se finalmente. Dali surgiram algumas áreas, grupos de vilas onde viviam pessoas genuinamente abertas ao cristianismo. Na passagem de 1930 para 1931, o meu pai estava convencido que tinha chegado o momento de um período de colheita. Foi anunciado que, se as pessoas se reunissem em dois lugares estratégicos, Chikhli e Dhad, haveria transporte em veículos da missão até Buldana para participarem na primeira reunião de inquiridores do nosso distrito - seis dias de evangelismo intensificado.



A nossa igreja e congregação cristã: Buldana, Berar, Índia, 1930.

O folheto relata:

“Esperávamos cerca de 40 adultos, mas vieram mais de 125, a nossa capacidade de transporte estava no limite”, escreveu o meu pai. “Se tivessem estado presentes, os vossos corações estariam verdadeiramente agitados, como estavam os nossos. Lá vieram eles - homens, mulheres e crianças, hindus das castas mais baixas, transportados por carros e carroças de vilarejos num raio de mais de cento e setenta quilómetros, para um encontro de avivamento; consigo vieram três dos seus

---

**Os que já eram  
cristãos acabaram  
por ficar de fora,  
não havia lugar  
para eles na igreja.**

---

sadhus (líderes religiosos). Todas estas pessoas eram líderes nas suas castas e queriam genuinamente saber mais sobre este estilo de vida (os pastores locais tinham identificado os verdadeiramente interessados, separando-os dos apenas curiosos).

Foram montadas tendas perto da igreja. A comunidade cristã acolheu as pessoas nas suas casas e duas outras foram arrendadas. Muitos trouxeram os seus cereais para se alimentarem. O entusiasmo fazia-se sentir por todo o lado.

Os que já eram cristãos acabaram por ficar de fora, não havia lugar para eles na igreja.

O programa era revivalista e instrutivo, ensinando as fases doutriniais e práticas do cristianismo. De manhã, os pregadores e os missionários pregavam. À tarde, as sessões eram separadas entre homens e mulheres e aí teriam oportunidade de orar e fazer perguntas. Há noite haviam cultos evangelísticos; May McKay era a pregadora. Praticamente todos se



chagaram à frente nas orações e oraram tanto quanto sabiam durante as reuniões. Alguns várias vezes.

Naturalmente houve oposição. Houve quem esperasse que as pessoas saíssem do santuário para as confrontar e argumentar contra o que havia sido dito Houve também quem gritasse e tocasse cornetas do lado de fora, enquanto decorriam os cultos, tentando incomodar o máximo possível.

Doze pessoas foram baptizadas discretamente no Domingo.”

No segundo ano em que se organizou este grande encontro, participaram novamente cerca de 125 pessoas. A maioria daqueles que participaram não adoram ídolos há muitos anos.



# Capítulo 10

## Voz de Júbilo e de Salvação

### Salmos 118:15

Uma acampamento na selva! O que era? Os hindus certamente não sabiam. Nem os cristãos. Ninguém o havia experimentado, excepto os missionários. As famílias teriam de deixar as suas casas e os seus trabalhos durante alguns dias, para ir para uma zona inabitada e focar-se somente em adorar a Deus. Todos os que desejavam participar eram bem vindos, mas era principalmente um momento de renovação para os cristãos. Encontraram o local ideal numa planície no sopé dos Gates. Estava fresco e agradável, tendo terminado a estação das chuvas.

Foi aberta uma passagem para o interior da selva, cerca de uma quilómetro e meio. Tiveram de limpar o terreno de arbustos pequenos e de árvores, para poderem montar o santuário e tendas para as famílias. Havia um leito de um riacho ali perto; apesar de quase seco ainda tinha alguma água.

Na Índia, e noutros contextos em que a maioria da população vive com rendimentos muito baixos, a fidelidade à igreja e à missão e os sacrifícios feitos para participar numa assembleia ou encontro,

têm um profundo impacto na sobrevivência de uma família. Perder o pouco dinheiro que ganhariam se ficassem em casa a trabalhar era um verdadeiro sacrifício. E ainda assim chegavam ao acampamento alegres e a cantar. Aqueles que tinham carros, empilharam-nos com loiça, cereais, roupas de cama, lanternas e querosene. Engataram os bois, amarraram o búfalo da família à parte de trás do carro para que tivessem leite fresco para os bebês e subiram a bordo. Alguns foram de bicicleta, mas a maioria das pessoas foi a pé, carregando os seus mantimentos equilibrados nas suas cabeças.

O custo total de todo o acampamento naquele primeiro ano foi de setenta dólares. As pessoas encarregues da contagem relatam 451 participantes.

As regras do acampamento eram simples. Os abrigos familiares eram para ser tratados com cuidado porque os materiais que os compunham tinham sido alugados. As fogueiras de pedra usadas para cozinhar teriam de ser preparadas numa zona afastada e não era permitido lume de qualquer tipo no interior dos abrigos. Os campos de jowar<sup>31</sup> vizinhos não deveriam ser perturbados de forma alguma. As regras de saneamento eram para ser seguidas à letra.

Nenhuma actividade desta natureza termina sem “o” momento decisivo. Quando há uma oração e um trabalho na alma tão intensos, algo de sobrenatural acontece. Durante toda a semana, depois do culto da tarde, alguns procuravam um árvore ou uma rocha isolada onde pudessem orar sozinhos. Outros reuniam-se em grupos, consoante a idade. No Sábado à tarde, um a um, os rapazes começaram a orar fervorosamente. Os mais velhos, liderados pelo irmão Beals, foram os primeiros a romper a barreira, pedindo perdão pela sua maldade, pelos conflitos, pelas mentiras e por roubarem. Um a um, chegaram ao fundo e o seu fogo acendeu-se. O mais novos também

estavam a orar. À tardinha, todo o acampamento começou a ouvir a marcha triunfal da vitória dos 40 rapazes que regressavam da selva dois a dois, cantando com todo o seu vigor e batendo palmas. “Yesu Masiki Jay”, “Vitória para Jesus, o Messias”, gritavam eles. O grito de resposta que se ouviu pelo acampamento foi ensurdecedor.

À beira do riacho as raparigas mais velhas choravam. Não tinham feito o mesmo progresso espiritual. “Pode pedir-lhes que venham e orem por nós?” , imploraram à Srta. Mellies. E ela mandou avisar o exército de rapazes para virem na sua direcção. Os rapazes ajoelharam-se na areia em torno das meninas e estas começaram a orar com sinceridade. Por fim, o grito de completa vitória ouviu-se e todos regressaram marchando. Entretanto tinha caído a noite e estava na hora do culto. Ninguém se lembrou do jantar. Marcharam para o santuário. Oitenta e quatro tinham encontrado Jesus naquele dia.

A maré do evangelismo não terminou com o acampamento. Pela primeira vez, os pregadores indianos partiram em digressão sozinhos, sem serem acompanhados por missionários. Os rapazes formaram grupos evangelísticos e saíam todas as semanas para pregar nas vilas. Um grupo levou mochilas às costas e por cerca de 400km pregou em 40 vilas diferentes. Alguns dos nossos melhores pregadores e suas esposas, eram rapazes e raparigas que estiveram naquele acampamento. O impacto foi tão grande na comunidade cristã que, em apenas 5 anos, a membresia aumentou mais de 100 por cento.

O interesse do meu pai na propagação da santidade não se confiava a pregações, estudo ou literatura. Quaisquer ideias ou métodos utilizados por qualquer grupo eram meticulosamente estudados por ele. “Os métodos que antes eram necessários e bem sucedidos podem vir a precisar de alterações progressistas”, dizia ele. “E, finalmente, o

trabalho missionário, que é temporário por natureza, deve dar lugar à organização de grupos, à igreja indígena.”

Era isto. Este era o objectivo para o qual o meu pai havia trabalhado todos aqueles anos na Índia: para que a igreja, a igreja indiana, fosse cheia de fogo, capacitada pelo Espírito Santo a ter uma organização funcional para a salvação de almas e propagação da santidade na Índia.

---

**Era isto. Este era o objectivo para o qual o meu pai havia trabalhado todos aqueles anos na Índia (...)**

---

O auge do trabalho na Índia deu-se aquando da primeira assembleia distrital, a 24 de Novembro de 1937, oficiada pelo superintendente geral J. B. Chapman. Seis jovens foram ordenados. E, na primeira votação oficial do distrito, o bom senso e o discernimento fizeram-se ouvir quando elegeram S. J. Bhujbal como seu primeiro superintendente distrital - um pregador vigoroso, um ganhador de almas, e um bom organizador.

Exactamente 30 anos depois de embarcarmos rumo à Índia pela primeira vez, os meus pais embarcaram no navio de regresso. Mas o meu pai só serviu durante quatro anos e meio do seu terceiro mandato. Na Reunião do Conselho de 1932, enquanto falava, na sessão de abertura, senti um aperto na garganta e a língua paralisada - não conseguia falar. Assim ficou durante cerca de um minuto, a esforçar-se para falar mas sem sucesso, olhando os seus colegas como que a pedir ajuda. A minha mãe levantou-se num instante e correu até ele. O irmão Beals seguiu-lhe o exemplo. Apoiando-o de cada lado, forçaram-no a sentar-se numa cadeira; depois ele disse, “já estou bem”, e prosseguiu com a sessão. Daquele momento em diante, não voltou a ser deixado sozinho. A minha mãe ia com ele para todo o lado; uma

vez até dormiu no carro enquanto ele ia a outra aldeia com um dos homens indianos.

Em Fevereiro de 1933, teve um ataque semelhante, seguido de uma dormência que ia do seu braço direito até ao sovaco e que durou cerca de 20 horas. Mais tarde perdeu a força nas pernas, e começou a ter problemas de obstrução vascular. Relutantemente, o comité executivo do conselho reconheceu a urgência e enviou uma solicitação ao conselho em Kansas City para a aposentação dos Tracy.

O meu pai escreveu o seu último relatório ao conselho. E permaneceu na cama por um longo período de tempo num estado de exaustão.

“A chamada!”, gemeu para a minha mãe. “Às vezes, ao longo destes 30 anos, era tudo o que tinha, e agora parece que também isso desapareceu.”

Mas o meu pai estava enganado. A chamada não desapareceu; apenas se mudou para outro acampamento. E quando, um ano depois, a encontrou novamente, era tão clara, tão real e desafiante como antes. Desta vez viu-a pairar sobre Brooklyn.



Tracy já reformado em Brooklyn, NY

Utica Avenue Church! Os meus pais haviam-se despedido desta igreja duas vezes, e duas vezes sido acolhidos pela mesma. E agora, um ano após o seu retorno, a igreja precisava de um pastor e o meu pai estava pronto.

Quando os moradores não lhe abriam as portas, o meu pai correu ao correio para chegar à comunidade. Ele pastoreou a igreja e serviu o distrito durante seis anos.

Mas chegou o momento em que a sua actividade física teve de ser gradualmente reduzida até parar por completo. O seu coração, enfraquecido pelos anos expostos à febre reumática, à febre tifóide e a crises de malária, começou a falhar. Durante um ano e meio ele continuou o trabalho de impressão, deitando-se quando tinha ataques. Mas teve de renunciar ao seu cargo na igreja.

Os ataques tornaram-se mais longos, mais intensos, até que a taquicardia paroxística se juntou à lista de enfermidades de que padecia o seu coração. Após dois curtos e agudos puxões, ele não sobreviveu. Tinha apenas 60 anos de idade. Estávamos todos à sua cabeceira naquela noite de segunda-feira, 28 de Setembro de 1942. Nós os três e a nossa mãe, a família da Martha e a família do Phil - e o médico que morava apenas a um quarteirão e que tinha passado muitas horas a tentar mantê-lo vivo.

Humanamente falando, não parece que o meu pai fosse dispensável para o trabalho do reino de Deus aqui na terra, uma vez que há poucos trabalhadores fiéis e com experiência. Mas o patriarca Daniel viu isso claramente antes de pousar a sua caneta pela última vez. Há um período de descanso antes do final dos dias, quando o meu pai tomará o seu lugar juntos dos outros. O Rev. Paul Hill tocou o mesmo fundamento do grande plano quando disse, “O dia da ressurreição está no programa de Deus. Encontrar-nos-emos de novo.”



O meu pai era como um patriarca do Velho Testamento. Ele fazia planos para o seu povo como um Moisés, liderando-os debaixo da nuvem e do fogo. Ele preparou o caminho para uma nova e melhor vida como um José. Em alguns momentos esteve sozinho, como um Daniel, lutando contra a escuridão. Tal como Josué, ele tocava a trombeta da salvação e da santidade. Construiu o reino como um David e um Salomão. E como Jeremias e Isaías, chorava pelas almas do seu povo. Amava-os mais do que a sua própria vida.

A Índia está a mudar. Mesmo antes do tempo do meu pai, já não havia o chamado sati, ou sacrifício humano, em que as viúvas eram forçadas a atirarem-se para as piras ardentes onde eram colocados os corpos dos seus falecidos maridos. Os crocodilos do rio Ganges há muito que não se alimentam de meninas bebés. E as pesadas correntes das diferentes castas foram oficialmente abandonadas. As restrições à concessão de vistos a novos missionários estrangeiros são a indicação de que a igreja indiana tem de ser capaz de se manter sozinha e firme e de propagar o evangelho tal como o recebeu.

---

**O meu pai  
era como um  
patriarca do Velho  
Testamento.**

---

A história de Tracy Sahib [amigo] da Índia não tem fim. As páginas estão a acabar, mas a história continua. E continuará, “mais clara se levantará do que o meio-dia” (Jó 11:17), à medida que os anos futuros ficam para trás. Porque a escuridão já foi rompida pela manhã de uma igreja estabelecida na Índia, e este vislumbre da alvorada trazido por um missionário pioneiro cresce e continuará a crescer cada vez mais, “brilhando mais e mais até ser dia perfeito” (Provérbios 4:18).



# Epílogo: Um Esplêndido Sacrifício

“Não consegue atravessar o mar  
se ficar parado a olhar para a água.”

“Não oremos para sermos protegidos dos perigos,  
mas para sermos destemidos diante deles.”

Rabindranath Tagore

A riqueza da cultura indiana, com as suas complicações e contrastes, é bem ilustrada nos escritos dramáticos e na poesia do poeta bengali Rabindranath Tagore, o primeiro não-europeu a ganhar o prémio Nobel da literatura em 1913. Foi neste mundo que L. S. Tracy entrou em 1903, um missionário solteiro com apenas 22 anos, cinco anos após o primeiro grupo nazareno desembarcar para estabelecer as bases iniciais do que esperavam que fosse uma igreja.

O que Tracy e os outros enfrentaram, foi um mundo sobre o qual não tinham a menor ideia. Não houve estudos culturais extensivos, nem programas de pós-graduação. Tracy mal havia completado o ensino secundário. Ele sabia apenas que tinha uma paixão ardente em trazer a luz da mensagem de Jesus a um lugar que nunca a tinha ouvido. As vicissitudes da vida, mesmo da sobrevivência, ainda estavam por aprender.

O sacrifício da saúde, do lar e do aconchego não era nada para alguém com visão, energia e uma chamada.

Jesus instruiu os Seus discípulos (Marcos 4:31-32) a considerarem “um grão de mostarda, que, quando se semeia na terra, é a menor de todas as sementes que há na terra; mas, tendo sido semeado, cresce, e faz-se a maior de todas as hortaliças”.

Imaginarium Tracy, e os outros, que as pequenas sementes que durante anos plantaram, germinariam e cresceriam até o que hoje é a igreja do nazareno na Índia e no Sul da Ásia? A dado momento, Tracy esteve 7 anos sem ver um único convertido a Cristo e quando finalmente alguém se converteu, era uma aldeia já de idade avançada. Quantos cristãos do século XXI teriam a mesma determinação?

As missões cristãs protestantes no Sul da Ásia foram “organizadas” em áreas geográficas, um sistema chamado *comity*<sup>32</sup>. Este termo foi adotado a partir de acordos que foram alcançados entre as nações para promover a noção de um acordo voluntário com o objectivo de sustentar a harmonia social, baseado em valores e associações sociais comuns e evitar o proselitismo de membros de uma denominação por membros de outra denominação. Assim, na Índia colonial, os metodistas podiam trabalhar numa área, os luteranos noutra, e os presbiterianos noutra. Com o tempo, os nazarenos ficaram encarregues de três áreas, todas pequenas em geografia. Na década de 1930, estas foram consolidadas numa só área na Índia central, no que se tornou o estado pós-independência do Maharashtra. Este sistema manteve-se até à década de 1970. No entanto, à medida que os dados demográficos foram mudando e muitos dos filhos dos convertidos se mudaram para centros urbanas, o sistema entrou em colapso.

Após os transtornos da Segunda Guerra Mundial e a turbulência do movimento pela independência da Índia contra o domínio colonial britânico, os missionários sabiam que estavam a ocorrer grandes mudanças. Eles reconheceram que as mudanças demográficas eram inevitáveis - que muitos jovens nazarenos estavam a afastar-se das áreas rurais onde o trabalho nazareno se tinha desenvolvido no decorrer dos anos. O mesmo acontecia com alguns pastores, que começaram a trabalhar aqui e ali de forma independente. Já em 1947, alguns missionários foram “designados” para abrir trabalho missionário em Bombaim; mas esses esforços não deram em nada pelos custos elevados e pela falta de recursos durante aquele período de tempo.

Um destes empreendimentos, que acabou por dar fruto, foi o início do trabalho missionário da cidade de Aurangabad, a cerca de 240 quilómetros a nordeste de Bombaim, pelo pastor Luther Mammothe, em 1962. É uma igreja que se estabilizou e transformou num importante centro distrital no estado do Maharashtra.

Em 1974, o Rev. e a Sra. Bronell Greer foram enviados para abrir um trabalho em Bombaim ou arredores e de lá mudaram-se para o Sul da Índia, estabelecendo-se na área em torno de Bangalore<sup>33</sup>. Logo depois, o Rev. e a Sra. John Anderson foram incumbidos de abrir um trabalho no norte da Índia, na cidade capital, Deli. Na década de 1990, tendo sido bem sucedidos no trabalho no Norte da Índia, foram transferidos para o leste da Índia para abrir um trabalho em Calcutá. E assim, a Igreja do Nazareno tinha missões em todos os quadrantes da Índia: Norte, Sul, Este, Oeste e centro.

O que não significa que as missões fossem grandes, ou o trabalho fácil. Na verdade, era pioneiro - lidou com mudanças significativas numa nação recém-libertada do domínio colonial da Grã-Bretanha,

com uma população a ver a sua esperança média de vida a aumentar, novas oportunidades educacionais e riqueza. Havia questões legais a ser resolvidas, uma estratégia a desenvolver, propriedades para comprar e administrar, clareza teológica para manter, novas dinâmicas que afectavam questões como a educação ministerial, os ministérios de compaixão, discipulado e definições do que deveria constituir uma verdadeira igreja indígena num ambiente muito complicado.

Havia ainda decretos governamentais que impediam que os novos missionários estrangeiros entrassem permanentemente no país, o que automaticamente impunha aos líderes indianos a responsabilidade pela expansão da igreja. Nesse sentido, pode dizer-se que o governo reforçou de várias maneiras o desenvolvimento da igreja indígena, reduzindo sua dependência de fundos ou de pessoal estrangeiro.

Tracy (e outros) não poderiam ter previsto estes desenvolvimentos. No entanto, é no trabalho deles que as pedras da permanência foram construídas. A sua mensagem e o seu exemplo perduraram. Não se inibiram nem pela cultura, nem pela falta de recursos, nem pela morte ou pela falta de saúde. Deus chamou-os. A igreja deu-lhes uma missão. Este era o trabalho das suas vidas.

As estatísticas de hoje são, indubitavelmente, impressionantes. Aquele distrito organizado em 1938 pelo Superintendente Geral J. B. Chapman, expandiu-se em 15 distritos cobrindo toda a Índia pós-partição. Se contar com o Paquistão e com o Bangladesh (parte da Índia colonial), são 19 ou mais distritos.

Nesses distritos há 7 464 igrejas locais, das quais 3 335 estão localizadas na actual Índia. Actualmente há 139 087 membros na Índia e 135 118 no Bangladesh e no Paquistão, fazendo um total de 274 205 membros.

A pequena escola bíblica que ensinava jovens indianos numa só língua, passou por grandes mudanças, no final da década de 1990, algumas bastante desconfortáveis. Às vezes as decisões são tomadas sem o completo entendimento do seu potencial resultado. Era claro que algo deveria ser feito para que a escola bíblica nazarena se tornasse mais eficaz no seu papel educacional na Índia e no Sul da Ásia. À medida que a igreja crescia, a escola teria de crescer também e não podia continuar a ser centrada num só local. Numa conversa informal no lounge de um hotel em Calcutá, quando ainda era director regional, bati na mesa de vidro num gesto firme o que fez com que o vaso de latão desse um salto e aterrassse novamente. Os olhares de todos estavam bem abertos, chocados por ser tão enfático. Foi decido que a escola passaria por um período de transição, em que todo o programa seria renovado, a formação de professores melhorada e o sistema de aulas repensado para melhor servir os campos. Esta decisão mudou a escola para sempre. Às vezes, na história missionária, há decisões não planeadas que levam a resultados inesperados. Hoje, a Faculdade Bíblica Nazarena do Sul da Ásia tem 155 centros de estudo em 19 línguas diferentes (estamos a trabalhar para providenciar mais cinco idiomas brevemente) e 2 392 inscritos. A primeira cerimónia de graduação desta nova faculdade descentralizada, contou com 66 graduados, mais do que se formara em todos os anos anteriores desde a abertura da escola. Deus tem feito coisas incríveis através da Faculdade Bíblica Nazarena do Sul da Ásia. Outros observam atentamente o modelo de educação descentralizado que se foca no desenvolvimento e formação de professores, no desenvolvimento de estudantes e no desenvolvimento institucional com o objectivo de preparar um elevado número de homens e mulheres para o ministério e para a missão através da Igreja do Nazareno.

Mas não é apenas um jogo de números. A influência da mensagem de Cristo é sentida através de uma ampla gama de programas que lidam com questões sociais, de saúde, nutrição, alfabetização, educação, microempresas, ministérios de compaixão, desenvolvimento de literatura e relacionamentos fraternos com muitas outras organizações e ministérios cristãos.

---

**Hoje, muitas igrejas do nazareno indianas locais, levantam fundos e patrocinam missionários nativos no seu próprio país.**

---

De facto, a parábola do grão de mostarda, como ensinada por Jesus, pode ser comprovada repetidas vezes. Os desafios de hoje são tão grandes, ou talvez maiores, do que nos dias de Tracy. Cada nova comunidade, cada nova língua ou grupo tribal abordado, é uma repetição dos princípios pioneiros que os primeiros missionários exibiram. Hoje, muitas igrejas do nazareno indianas locais, levantam fundos e patrocinam missionários nativos no seu próprio país. “As portas do inferno não prevalecerão” é uma verdade viva diária.

O esplêndido sacrifício de uma vida bem vivida tem, no final, as suas próprias recompensas.

—R. FRANKLIN COOK



# Uma Igreja Em Crescimento

**Nota do Editor:** Embora algumas estatísticas tenham sido actualizadas no texto desta edição revista, talvez seja útil incluir as estatísticas mais recentes associadas à Índia e quais seriam as áreas incluídas antes da partição de 1947.

## População

Em 1947, o Raj britânico, o Império Indiano da Grã-Bretanha, foi dividido no que finalmente se tornaram três países: Índia, Paquistão e Bangladesh.

“A população da Índia indivisa em 1947 era de aproximadamente 390 milhões. Após a partição, havia 330 milhões de pessoas na Índia, 30 milhões no Paquistão Ocidental e 30 milhões de pessoas no Paquistão Oriental (agora Bangladesh).”<sup>34</sup>

Em Julho de 2017, o *The World Factbook*<sup>35</sup> lista as populações mundiais da seguinte forma:

India	1,281,935,911
Pakistan	204,924,861
Bangladesh	157,826,578
Total	1,644,687,350

As estatísticas da Igreja do Nazareno em 2017 são, indubitavelmente, impressionantes. Aquele distrito organizado em 1938 pelo Superintendente Geral J. B. Chapman, expandiu-se em 15 distritos cobrindo toda a Índia pós-partição. Se contarmos com o Paquistão e com o Bangladesh (parte da Índia colonial), são 19 (ou mais) distritos.

Nesses distritos há 7 464 igrejas locais, das quais 3 335 estão localizadas na actual Índia. Actualmente há 139 087 membros na Índia e 135 118 no Bangladesh e no Paquistão, fazendo um total de 274 205 membros.

O que era uma pequena escola rural com apenas uma língua, é agora um instituto bíblico com mais de 155 centros de estudo e 19 línguas diferentes (às quais se juntarão cinco novos idiomas brevemente) com 2 392 inscritos.

Em Junho de 1938, foi fundado o Reynolds Memorial Hospital. O hospital, e as clínicas associadas em Washim, na Índia, é um hospital geral com 150 camas. Serve a comunidade e área circundante.

Em 1958 foi fundada a Nazarene Nurses Training College (NNTC) nas instalações do hospital. A NNTC é uma instituição cristã de aprendizagem reconhecida, que visa preparar os seus alunos para o futuro, enfatizando o desenvolvimento de conceitos fundamentais de enfermagem e a aplicação de competências, equipando os estudantes para se tornarem enfermeiros qualificados, não apenas na Índia, mas em todo o mundo.

Em 2017 inscreveram-se na NNTC 245 pessoas.

## Estatísticas Comparativas

	1947 (data da partição)	2017 (actual)
<i><b>Distritos</b></i>		
Índia	1	15
Paquistão		1
Bangladesh		3
<b>Total Distritos</b>	1	<b>19</b>
<i><b>Igrejas</b></i>		
Índia		3,335
Paquistão		426
Bangladesh		3,703
<b>Total Igrejas</b>		<b>7,664</b>
<i><b>Membresia</b></i>		
Índia	2,830	139,087
Paquistão		19,370
Bangladesh		115,748
<b>Total Membresia</b>	<b>2,830</b>	<b>274,205</b>



# PASSAR À ACÇÃO

1. L. S. Tracy and his colleagues encountered the Indian culture of his day in their efforts to bring the message of Jesus to those who had not heard. Can you identify some of the cultural issues that you face in your community, and how they impact or influence ways in which the church carries forward its mission in the world of today?
2. Check the internet for the meaning of the word “colonialism” or “colonial.” In Tracy’s day missionaries in India, and elsewhere, were working in a colonial environment. Note some of the ways in which the colonial environment affected the work of the newly planted church in India. Note any similarities in the current environment that could impact missions today.
3. You will notice in the text that when everything else is done and said, Tracy often came back to his central mission and calling, which was to bring the message of Jesus and salvation to people who had never heard it. In the world of today, how can, or should, we focus on our central mission and calling as Christians to bring that message to an increasingly secular environment?
4. Consider, and discuss with others, some practical ways in which the church can be, and remain, current and relevant to a changing society with differing standards and expectations?

5. Missionaries of Tracy's day were always concerned about the "next generation," and they were attempting to find ways to keep the calling of God a vibrant reality or possibility for young people. Consider, and discuss with others, how in today's church the calling of God can best be understood and applied in the life of "the next generation."
6. The place of God's Word was always important in driving the mission of the church. Identify and review what to you are key verses that should be known and understood today and how they apply to a generation consumed with internet and media formats, such as Instagram and Snapchat.
7. Pray for the work of the Church of the Nazarene in India and South Asia, which is often faced with opposition and threat of theological drift.
8. Traits we see in Tracy that kept him focused and determined in his mission were: faithful pursuit of God's will, honest and courageous dealings with both church and society, tireless effort to win the lost and establish the church, and commitment to leave India better than he found it. Do you possess such traits? How might you use these traits to strengthen your local church and community?

# Notas

- 1 Tracy Sahib da Índia, foi o título original escolhido por Olive Tracy para este livro sobre o seu pai e o trabalho missionário na Índia. Sahib é uma palavra que vem do árabe e significa “amigo”.
- 2 Partição, refere-se à solução encontrada pela Grã-Bretanha em 1947, para resolver a violência comunitária e religiosa, dividindo o país em áreas predominantemente muçulmanas e hindus, resultando no que é agora o Paquistão e o Bangladesh. A migração resultante é a maior de sempre com bastantes fatalidades.
- 3 As estatísticas aqui apresentadas são recolhidas de várias fontes, inclusive de agências das Nações Unidas.
- 4 A língua franca é definida como uma língua comum adoptada entre falantes de línguas nativas diferentes.
- 5 Naquela época, era comum que os cristãos sentissem a chamada de Deus para um país ou zona geográfica específica, como a China, a África ou a Índia; hoje, a chamada de Deus tende a ser para uma vocação ou conjunto de aptidões, em vez de uma localização geográfica.
- 6 A palavra “pentecostal” era usada para identificar instituições ou organizações associadas à santidade ou outras expressões da “vida dirigida pelo Espírito”. Originalmente, a nossa igreja chamava-se Igreja Pentecostal do Nazareno, mas a palavra foi retirada em 1919, quando passou a ser associada ao movimento carismático.
- 7 Bombaim é agora Mumbai, no estado do Maharashtra, na parte ocidental do subcontinente.
- 8 Os “capacetes de cortiça” serviam para os ocidentais se protegerem do severo sol tropical. O seu uso explica a aparência peculiar nas fotografias da época.
- 9 No contexto da Índia, este termo é usado para se referir a alguém que ajuda os viajantes a carregar as suas bagagens em portos e nas estações de caminho de ferro.
- 10 Tonga é uma carroça com um dossel, puxada por um cavalo. Sob o domínio britânico, era imperativo que a correspondência chegasse ao destino o mais rapidamente possível; o uso das tongas com trocas de cavalo frequentes era a solução.
- 11 Quem visitar a Índia notará o intenso tráfego automóvel. Apesar dos carros de bois serem mais comuns em áreas rurais ou remotas, o que torna as estradas perigosas é a competição entre veículos motorizados e veículos animais; é caótico.

- <sup>12</sup> No censo de 2011, a cidade de Buldana tinha 67 431 habitantes, embora o distrito ao redor tenha mais de 2,5 milhões de habitantes. Na cidade, os hindus eram 59%, os muçulmanos 24% e os cristãos categorizados como “outros”.
- <sup>13</sup> A quinta de Dhamandari ainda é propriedade da igreja, mas agora está cercada pela crescente cidade de Buldana. Um dos edifícios é o local de encontro de uma próspera igreja do nazareno local.
- <sup>14</sup> Enfatizado na “Política Missionária” que governava o trabalho dos missionários durante esta era, estava o conceito de “missionário júnior”. Nos dois primeiros anos da carreira missionária, este não tinha privilégios de voto; não era esperado que falasse ou tomasse posição. Era o momento de aprender sobre a cultura, de aprender a ouvir e de aprender novas línguas.
- <sup>15</sup> Este parágrafo expressa a missiologia como entendida por L. S. Tracy. No entanto, reflecte a realidade do trabalho missionário pioneiro até hoje. Muitas vezes há confusão - às vezes caos - é necessário um plano estratégico, e a prioridade acima de todas as outras é a mensagem de Jesus ao mundo.
- <sup>16</sup> Na Igreja do Nazareno, é raro que uma ordenação seja conduzida por alguém que não um superintendente geral, mas a ordenação de Tracy foi um evento extraordinário. Estas acontecem tipicamente em tempos de guerra, em lugares onde os riscos de segurança são elevados, ou quando as visitas são muito espaçadas.
- <sup>17</sup> Nos primeiros dias do trabalho missionário, há acontecimentos únicos que podem mudar o curso da história. A Olive Tracy acreditava que a cura do seu pai fora o acontecimento que virou a maré.
- <sup>18</sup> A história de Babaji ilustra uma prática comum nas primeiras missões. Depois da conversão havia um período probatório durante o qual um convertido demonstraria crescimento espiritual genuíno. O batismo era muito importante, uma declaração pública de um trabalho interior. Na Índia, era acompanhado pela renúncia pública dos símbolos da antiga fé.
- <sup>19</sup> Uma das tentações para uma denominação como a Igreja do Nazareno, era encerrar missões em dificuldade ou estagnadas. No entanto, perseverar pode ser - com o tempo - o caminho para resultados extraordinários. A Índia de hoje é a prova de que a fidelidade no campo e na igreja que envia pode produzir resultados tremendos no Reino de Deus.
- <sup>20</sup> Bud Robinson foi um pioneiro e lendário evangelista da Igreja do Nazareno.
- <sup>21</sup> O Dr. H. F. Reynolds foi um dos primeiros fundadores da Igreja do Nazareno. Foi o principal impulsionador da paixão pelo evangelismo mundial e pelas missões na denominação.
- <sup>22</sup> Tiffin é um termo usado na Índia para o almoço ou chá da tarde ou refeição transportada numa marmitta. É de origem inglesa e é usado até hoje de várias maneiras. No Ocidente, o equivalente seria uma lancheira, uma marmitta ou um cesto de piquenique.



- <sup>23</sup> Uma "lanterna mágica" era uma versão inicial de um projector de slides. A luz era gerada por uma lamparina de querosene e um espelho pois não havia electricidade.
- <sup>24</sup> Lota é um pequeno recipiente, tipicamente de água, feito de latão ou cobre: um cantil.
- <sup>25</sup> Chapattis são pães achatados, muito comuns em todo o subcontinente.
- <sup>26</sup> A história de Pearl Simmons ilustra a vida e a morte de centenas de missionários pioneiros. É no seu trabalho e sacrifício que a colheita de hoje é construída. Estão enterrados no solo das terras para as quais Deus os chamou, mas da sua fidelidade nascem muitos frutos.
- <sup>27</sup> Depois desta viagem, deu-se a união de vários grupos de santidade nos EUA; na Índia, formou-se um distrito único, mais forte em Maharashtra. O Rev. Roy Coddling foi nomeado o primeiro superintendente e o seu desejo era que fosse uma "fusão" e não apenas uma união.
- <sup>28</sup> Termo usado para descrever uma pessoa que é especialista numa área específica, muitas vezes um tutor de línguas. Vem da palavra hindu pandit, ou pandita em sânscrito, que significa erudito.
- <sup>29</sup> A Kennedy School of Missions foi durante muitas décadas um centro privilegiado de formação e pensamento missionário. O Dr. Paul Orjala, missionário pioneiro no Haiti e fundador do programa de missões do Seminário Teológico Nazareno, em Kansas City, obteve o seu doutoramento nesta escola e seminário.
- <sup>30</sup> O Orçamento Geral é agora chamado de Fundo de Evangelismo Mundial. É um fundo centralizado que apoia o trabalho missionário da Igreja do Nazareno.
- <sup>31</sup> Jowar é um tipo de grão usado para fazer roti, um pão tradicional indiano.
- <sup>32</sup> Comity - significa cortesia, particularmente para evitar proselitismo (oposto de zelo ou esforço para fazer prosélitos ou converter pessoas a uma religião, a uma denominação, a um partido, a uma causa ou a uma ideia).
- <sup>33</sup> As várias mudanças do Rev. e da Sra. Bronell Greer são consideradas a força de arranque que levou a denominação por um novo caminho no Sul da Ásia. Nem mesmo os missionários de grande visão poderiam ter previsto a "explosão" de crescimento que ocorreria a partir dos anos 90.
- <sup>34</sup> Dhruv Kharabanda. "Case for acceptance of refugees into European Nations": Página 4. [www.kharabanda.in/3.pdf](http://www.kharabanda.in/3.pdf).
- <sup>35</sup> The World Factbook 2018. Washington, DC: Central Intelligence Agency, 2018. [www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook](http://www.cia.gov/library/publications/resources/the-world-factbook).  
Informações retiradas das páginas do Bangladesh, Índia e Paquistão.

